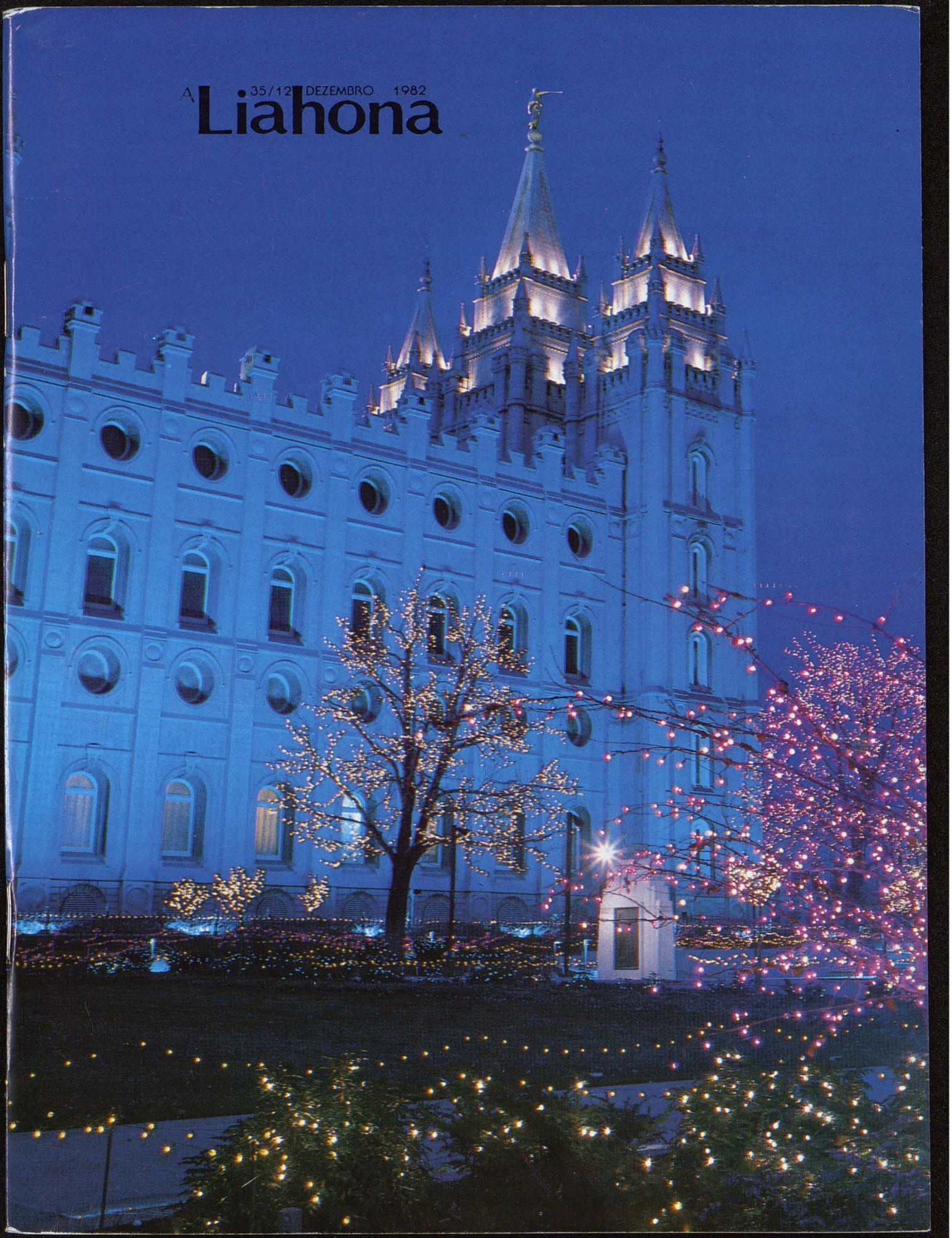
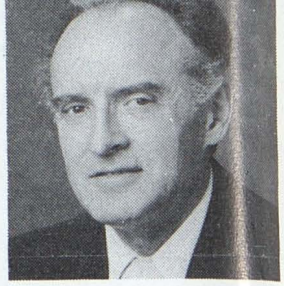
A Liahona 35/12 DEZEMBRO 1982

A Liahona





GM
M2055
L694PO
v.35
1982

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
R. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO "INTERNATIONAL MAGAZINE":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

DEZEMBRO DE 1982
PBMA0529PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 — Prece de Natal, A Primeira Presidência
2 — A Bênção do Jejum, Presidente Marion G. Romney
5 — O Sobretudo, Carol Rich Brown
8 — Um Pedacinho de Aço, Brent A. Barlow
12 — O Cartão de Natal, Dawn Walker Naylor
14 — O Evangelho em Mateus, Marcos, Lucas e João, Robert C. Patch
21 — Perguntas & Respostas, Dr. Monte S. Nyman e Dr. Richard Lloyd Anderson
24 — Do Pórtico de Salomão, T. Edgar Lyon
34 — Promessa Cumprida, Lea Siiskonen
38 — "E Tu, Quando Te Converteres", Janet Brigham
41 — Antes do Chamado, David R. Mickel
49 — O Caso Bob Gunther, Paul D. Cantion
51 — Ele Está Perto, Pronto Para Ajudar, Élder Ted E. Brewerton

SEÇÃO INFANTIL

I A Vela Especial, Marjorie R. Sheffer
IV Novas de Grande Alegria!, A Primeira Presidência
VI Spencer W. Kimball, Howard Boughner
VIII O Presépio (Atividade para o Tempo de Compartilhar)

NOTÍCIAS LOCAIS

I Londrina — Terceira Cidade do Sul do Brasil
IV Portugal que Nós Conhecemos — Parte II
V Irmã Kimball Recupera-se da Cirurgia
V Deolinda Barroso — Símbolo de Dedicação
VI Em Busca do Amor ao Próximo
VII Sonho de um Patriota
VIII Estaca Campinas Realiza Olimpíada Interestacas
IX Primeira Semana de Artistas Mórmons
XIII Estaca Maceió saúda Dia da Ecologia
XIII Confiança e Fé
XIV Um Chamado Especial
XIV Nossas Férias de Janeiro
XV A Bênção do Sacerdócio

CAPA

Iluminação de Natal na Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado. Foto do templo da capa anterior, feita por Jed A. Clark. Capa posterior, monumento à companhia de carros de mão, de autoria do norueguês Torlief Knaphus, fotografado por Marilyn Péo.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 400,00;** para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: **Cr$ 40,00.** As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Linoart Ltda. - Rua 13 de Maio, 71 - Fone: 256-1588 (PABX). Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estrão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Prece de Natal

A Primeira Presidência

Regozijamo-nos com todos os povos na celebração do maravilhoso nascimento de Jesus Cristo, Salvador da humanidade. Ao solene testemunho de milhões de pessoas que já se foram e milhões que ainda vivem, acrescentamos nosso depoimento de que Jesus Cristo, nascido de Maria em Belém, é o Filho amado do Deus vivo, o Redentor, nosso Juiz Eterno, a Luz e Vida do mundo.

A vida redentora do Salvador iluminou para sempre a senda da paz e a todos ofertou purificação dos pecados da mortalidade. O sacrifício expiatório do Cordeiro de Deus venceu a morte, abrindo para todos o caminho da vida eterna.

Na vida do Salvador encontramos o modelo divino para nossa própria vida, um objeto para contínua contemplação, encantamento e diretriz. Tendo poder para secar a figueira com uma simples palavra sua, decidiu orar por seus inimigos. Embora cruelmente provado, além do que um mortal pode compreender ou suportar, clamou em favor dos que o supliciaram e escarneceram: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

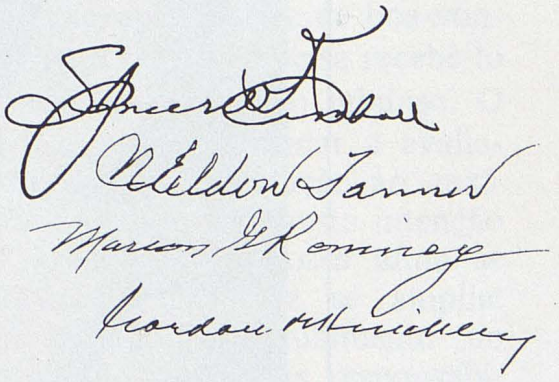
A todos os que buscam a solução de um conflito, seja um mal-entendido entre pessoas ou dificuldade entre nações, recomendamos o conselho do Príncipe da Paz: "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:44-45.)

O princípio de amarmos uns aos outros como Jesus Cristo nos ama, trará paz ao indivíduo, ao lar e, mais além, mesmo às nações e ao mundo.

Nesta temporada em que nosso coração se enternece com os que amamos, lembremo-nos também dos que nada têm, dos sem família ou entes queridos, e dos física, emocional e espiritualmente destituídos e desesperançados. Recomendamos a todos o exemplo do Salvador, edificando e curando seus semelhantes com o toque carinhoso de sua mão.

Que sejamos todos influídos a exercer fé no Senhor Jesus Cristo, a atentar para seus ensinamentos e obedecer a seus preceitos é nossa prece de Natal para todos os homens de toda parte.

A Primeira Presidência



Mensagem da Primeira Presidência

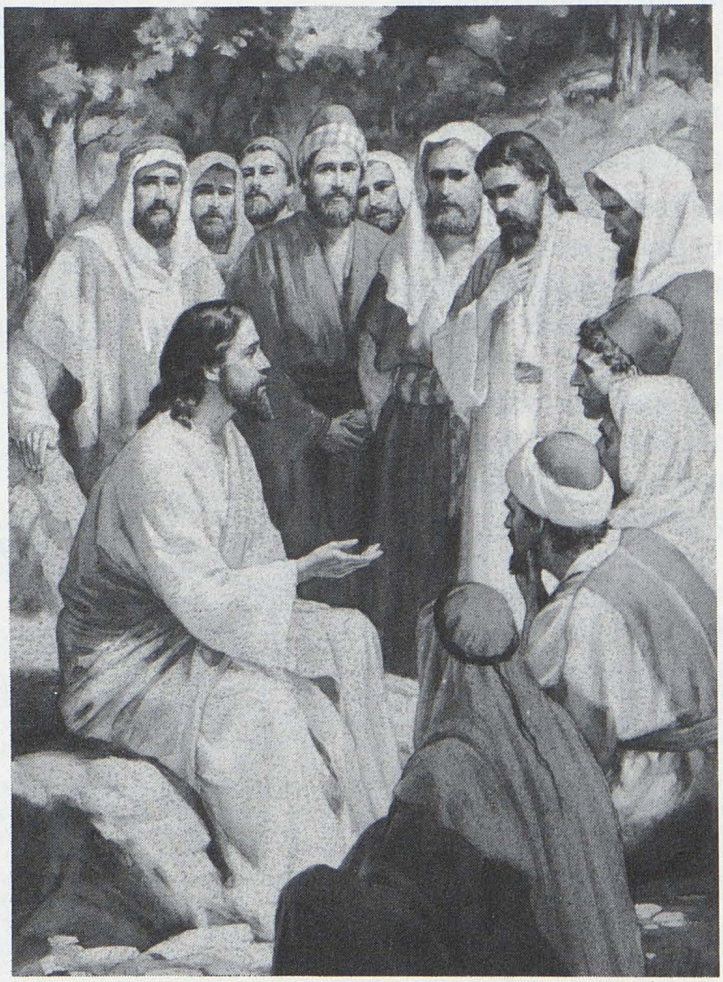
A Benção do Jejum

Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Uma das coisas importantes que o Senhor nos recomenda é sermos liberais nas ofertas de jejum. Gostaria de que soubésseis que as recompensas são grandes — recompensas tanto espirituais como temporais. O Senhor disse que a força de nossas orações depende de nossa generosidade para com os pobres. (Vide Alma 34:28.)

Já nos tempos de Isaías, quando o povo se queixou: "Por que jejuamos... e tu não atentas para isso? Por que afligimos as nossas almas, e tu o não sabes?" (Isaías 58:3), o Senhor lhes respondeu, perguntando:

"Seria este o jejum que eu escolheria: que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazível ao Senhor?" (Isaías 58:5.)



© Providence Lithograph Company 1962

Como se pareciam *conosco*. Orgulhamo-nos de ter dor de cabeça ao jejuar e às vezes fingimos estar morrendo de fome. À antiga Israel, o Senhor fez esta pergunta:

"Não é este o jejum que escolhi?

"...que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?...

"(Quando fizestes estas coisas)", acrescentou, "Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua retaguarda.

"Então clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui...

"E, se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita; então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia." (Isaías 58:6-10.)

Pensai nestas bênçãos incomparáveis — todas elas prometidas aos que contribuem liberalmente para a assistência aos pobres.

"E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial cujas águas nunca faltam." (Isaías 58:11.)

Lembro-me de quando, há mais de sessenta anos, o Élder Melvin J. Ballard (membro já falecido do Quorum dos Doze Apóstolos), designando-me para uma missão com as mãos impostas sobre minha cabeça, disse na bênção que ninguém consegue dar uma crosta de pão ao Senhor, sem receber em troca um pão inteiro. E esta tem sido minha experiência.

Com respeito à natureza e propósito do jejum e finalidade da oferta de jejum, dizia o Presidente Heber J. Grant:

"Prometo-vos hoje que, se os santos dos últimos dias, daqui por diante, como povo, cumprirem honesta e conscienciosamente o jejum mensal; ...e, além disso, pagarem um dízimo honesto, estarão solucionados todos os problemas relacionados com a assistência aos santos...

"Toda alma vivente entre os santos dos últimos dias que jejua duas refeições uma vez por mês, será espiritualmente beneficiada e edificada na fé do evangelho do Senhor Jesus Cristo — um benefício espiritual maravilhoso — e os bispos terão em mãos recursos suficientes para cuidar de todos os pobres." (*Gospel Standards,* comp. G. Homer Durham, Salt Lake City: (Improvement Era) 1941, p. 123.)

Tudo o que fazemos em prol dos pobres, deve ser medido em termos espirituais. Quem dá, precisa fazê-lo com um coração justo e de boa-vontade. Quem recebe, precisa recebê-lo com gratidão e coração jubiloso. O Espírito precisa confirmar a avaliação do bispo com relação ao auxílio. Participando com justa intenção dessa grande obra, nossa alma se santificará e a mente se amplia. Amadurecendo espiritualmente no cumprimento de nossas responsabilidades, sejam quais forem, preparamo-nos para sermos "participantes da natureza divina". (II Pedro 1:4.) Tenhamos a ventura de sermos cheios da medida do Espírito que

nos sele com o vínculo da caridade que, conforme diz Morôni, "é o puro amor de Cristo e permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia, lhes irá bem.

"Portanto, meus amados irmãos, rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações, para que possais ser cheios com esse amor, que ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo; a fim de que vos torneis filhos de Deus e de que, quando ele aparecer, sejamos semelhantes a ele, pois o veremos como é; e que tenhamos esta esperança e possamos ser purificados como ele é puro." (Morôni 7:47-48.)

Convém a todos dar alguma atenção ao jejum. Se não jejuamos ocasionalmente e oramos sempre, na verdade não buscamos o Senhor de modo íntimo. Muitos problemas pessoais nossos podem ser resolvidos fazendo isso. Recordais o que o Salvador disse aos discípulos que não conseguiram expulsar o espírito maligno, quando quiseram saber por que não o conseguiam, quando para Jesus era tão fácil? Ele replicou: "Esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum." (Mateus 17:21.)

Aumentemos nossas ofertas de jejum e inspiremos os santos pela Igreja afora a fazer o mesmo. "Que o rico, que só tem migalhas para Lázaro, não se julgue apto para a glória celestial." (Hyrum M. Smith e Janne M. Sjodahl, *The Doctrine and Covenants Commentary,* rev. ed. Salt Lake City: Deseret Book Co., 1971, p. 480.) A fim de nos qualificarmos para esta glória, precisamos dar liberalmente de nossos meios para os pobres e necessitados.

Sede generosos no dar, para que possais progredir. Não deis somente em benefício dos pobres, mas em vosso próprio benefício. Dai o suficiente para poderdes fazer jus ao reino de Deus pela consagração de vossos meios e tempo. Pagai um dízimo honesto e generosa oferta de jejum, se desejais as bênçãos dos céus. Prometo a cada um de vós que o fizer, aumento de prosperidade, tanto espiritual como temporal. O Senhor vos recompensará de acordo com vossas necessidades.

É minha oração que todos nós, sem exceção, aprendamos e apliquemos esses princípios fundamentais, ganhando, assim, a prometida recompensa.

Idéias para os Mestres Familiares

1. *Conte uma experiência pessoal sobre as bênçãos do jejum. Peça aos familiares que digam o que sentem a respeito.*
2. *O artigo contém escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta?*
3. *Debata a relação entre o jejum e dar aos necessitados. Por que acham que "a força de nossas orações depende de nossa generosidade para com os pobres"? (Ver Alma 34:28.)*
4. *Seria preferível abordar o assunto, depois de conversar com o chefe da família, antes da visita? O líder do quorum ou bispo têm alguma mensagem para o chefe da família concernente ao jejum e oferta de jejum?*

O SOBRETUDO

Incidentes da vida de Edward Stokes Rich

Carol Rich Brown

Era dezembro de 1886. Mary Ann Stokes Rich observava impotente seu décimo filho lutar pela vida. Acometido de raquitismo, devido à desnutrição da mãe durante a gestação, o bebê chorava debilmente. Mary Ann já perdera quatro filhos em condições semelhantes; e agora, ainda fora abandonada pelo marido, ficando com seis filhos num sítio improdutivo no Condado de Cassia, Idaho.

Aflita, Mary Ann ajoelhou-se para implorar ao Senhor uma morte fácil para o filho, poupando-lhe uma vida de miséria e sofrimento. Contudo, acabou rogando que ele "fosse salvo, para ser-lhe um conforto e bênção na velhice".

Sua prece foi atendida. Edward Stokes Rich tornou-se adulto e cuidou dela, quando ficou idosa e fraca.

Pouco após o nascimento de Edward, Mary Ann transferiu-se com os filhos para a Cidade do Lago Salgado, onde passou a trabalhar como parteira, cozinheira e faxineira. Como não conseguia sustentar a família com seu magro salário, Ed-

ward deixou a escola aos doze anos e foi trabalhar para um jornal no turno da noite.

Passados alguns meses, Mary Ann tinha juntado cinco dólares do salário de Edward para pagar o dízimo.

"Eddy", disse-lhe, "ainda não paguei seu dízimo. Você não tem um bom sobretudo e precisa andar vários quilômetros na ida e volta do serviço, todas as noites. Com a chegada do inverno, vai fazer muito frio quando voltar para casa às quatro ou cinco da manhã. Por isso, você pode pegar este dinheiro e pagar o dízimo ou comprar um capote, como quiser."

Ele fez exatamente o que ela esperava — foi correndo até a casa do bispo e pagou seu dízimo.

Uma semana depois, receberam a visita da Tia Mary; que lhe trouxe um sobretudo que deixara de servir a um de seus filhos. Serviu perfeitamente em Edward e "era um agasalho muito melhor do que poderia comprar com cinco dólares". Depois disso, lembra Edward, sempre foi generoso no pagamento do dízimo e outras ofertas à Igreja.

Quando voltou da missão, o país estava em crise e era difícil encontrar emprego. Praticamente sem um tostão, Edward jejuou e orou a respeito, sentindo-se influído a pagar seus últimos dois dólares como dízimo.

"Bispo", disse já em fins de novembro, "sei que não devo este dinheiro agora, mas espero devê-lo antes do fim do ano."

No dia seguinte, continuou sua peregrinação por escritórios e lojas na Cidade do Lago Salgado, procurando emprego. Ao sair da última firma, o chefe de seção o chamou de volta e informou que havia uma vaga num jornal em Price, distante uns duzentos quilômetros da Cidade do Lago Salgado.

Edward chegou em Price no dia seguinte, com dinheiro de condução fornecido pela empresa. No Natal, havia ganho com as horas extras vinte e um dólares e cinqüenta centavos. Tendo ganho até um pouco mais que os vinte dólares pelos quais havia pago o dízimo, "pude fazer as compras de Natal que tanto queria".

Tal fé e obediência, aliadas a trabalho árduo, proporcionaram-lhe considerável sucesso como negociante. Anos mais tarde, viúvo e pai de dez filhos, continuava espiritualmente forte. Quando o filho mais novo fazia o curso secundário, Edward apaixonou-se por Leona Hyde. Como tinha cinqüenta e nove anos e ela dezenove anos menos, hesitou em pedi-la em casamento, temendo dar início a nova família na sua idade. Depois de jejuar e orar, disse: "Tive absoluta certeza de que estava certo eu casar de novo". Sentiu também que o Senhor lhe permitiria viver o tempo necessário para criar essa família.

De fato o fez. Eu faço parte dessa família.

Em seus anos de viuvez, papai tivera reveses financeiros, de modo que, quando se casou com mamãe, não tinha praticamente nada. Seqüelas de um sério acidente de automóvel não lhe permitiam que continuasse trabalhando como tipógrafo. As-

sim, passou a fazer uma série de serviços menos rendosos. Entretanto, jamais deixou de pagar seu dízimo e ofertas. Às vezes, chegava a usar ternos de segunda-mão em lugar das belas roupas sob medida de anos antes, mas, mesmo assim, ele e mamãe acabaram conseguindo comprar uma modesta casa, passando então a poupar para a velhice.

Mesmo durante esse período de dificuldades financeiras, sempre que o bispo solicitava fundos para o orçamento ou construção, papai costumava dar alguns dólares a mais que o requerido. Papai fora bispo por diversos anos e conhecia muito bem a necessidade desses fundos. "A gente jamais ganha do Senhor", dizia com um sorriso sabedor.

Papai continuou trabalhando até aos oitenta anos, quando contraiu leucemia. Recebeu uma bênção de que viveria enquanto a vida lhe parecesse agradável. Ele viveu alegremente durante mais um ano, deliciando-se com cada tulipa e croco na primavera. Ouvia com interesse quando eu lhe contava o que estava aprendendo na faculdade. Eu adorava falar com ele sobre literatura e astronomia, pois eram dois assuntos preferidos seus. Acima de tudo, porém, eu gostava de contar-lhe o que aprendera nas aulas de religião. Quando bispo, papai estabelecera a meta de estudar as escrituras diariamente; durante trinta e oito anos consecutivos, lera o Livro de Mórmon duas vezes por ano, pelo menos, e uma vez as outras obras-padrão.

Quando papai foi hospitalizado pela segunda vez, os médicos deram-lhe mais alguns meses de vida — por isso, surpreendeu-me quando, durante uma de minhas visitas, disse que estava "indo para casa". Ele morreu dormindo uma semana mais tarde, mas não antes de registrar seu testemunho:

"Verifiquei que o Senhor sempre me devolveu qualquer coisa que lhe dei. Nem sempre o fez em termos financeiros, mas descobri que não se consegue ganhar do Senhor. Por mais que se faça por ele, devolve-nos tanto, que sempre nos sentimos devedores."

Conversemos a Respeito.

Depois de lerem "O Sobretudo" individualmente ou em família, poderiam debater alguns destes pontos durante uma hora de estudo do evangelho:

1. *As bênçãos do pagamento do dízimo ou cumprimento de outros mandamentos são sempre imediatas? Elas devem ser* esperadas?
2. *O que se entende por "oferta" para a Igreja? Quantos tipos de oferta conhecem?*
3. *Leiam e debatam a recomendação atual sobre jejum e pagamento de ofertas de jejum. Se você ou familiares seus não forem dizimistas integrais, que metas individuais ou familiares poderiam estabelecer, para ajudá-los no cumprimento deste importante preceito?*
4. *O que, na opinião de vocês, o Irmão Rich quis dizer com: "Não se consegue ganhar do Senhor?"*

UM PEDACINHO DE AÇO

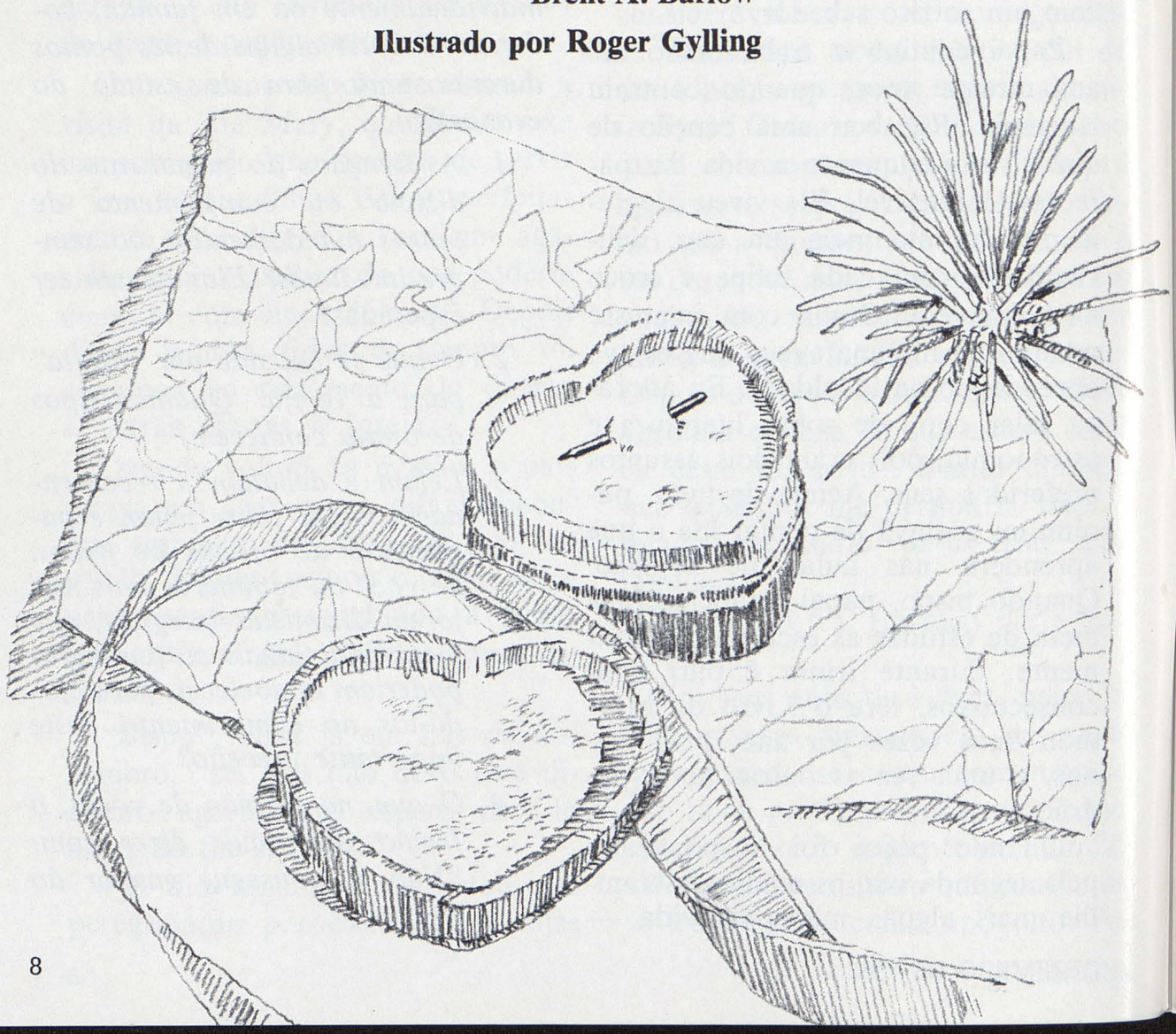
Brent A. Barlow

Ilustrado por Roger Gylling

Em princípios de dezembro de 1970, fui convidado a falar na reunião sacramental natalina de nossa ala. Escolhi como tema "Risco Precioso: Uma História de Natal", de autoria de Lloyd C. Douglas, clérigo e novelista luterano estadunidense (1877-1951).

A história fala de um homem chamado Phil Garland, sua esposa Shirley e os dois filhos, Polly e Junior. Certa véspera de Natal, Phil estava particularmente aborrecido por ter acabado de perder o emprego. Se a situação financeira já era difícil enquanto trabalhava, agora tornava-se insustentável.

Naquela noite, Shirley procurou incluir Phil em algumas atividades natalinas com Polly e Junior, mas Phil só reclamava do preço dos presentes, lembrando à esposa que não estavam em condições de presentear. Disse que o Natal estava por demais comercializado. Shirley acabou pondo Polly e Junior na cama, e depois retirou-se também, com lágrimas nos olhos.



Passados poucos minutos, ouviu Phil chamando-a do corredor, pedindo que lhe levasse um alicate. "Pisei numa agulha."

Shirley levou-lhe o alicate pedido, e Phil, agarrando a agulha com firmeza, tentou arrancá-la do pé. E lá veio metade da agulha! O casal discutiu a possibilidade de procurarem o pronto-socorro na mesma noite para a extração do resto da agulha, mas Phil acabou resolvendo ir no dia seguinte.

Na manhã seguinte, dia do Natal, Phil foi até o pronto-socorro, mas acabou não entrando. Ouvira certa vez que um pedacinho de metal não removido pode deslocar-se até um órgão vital e acabar causando a morte. Por alguma razão, Phil decidiu deixar o pedacinho de agulha no pé, arriscando as conseqüências, fossem quais fossem. Voltou para casa, dizendo à esposa que tudo estava em ordem.

A partir daquele momento, Phil achou que sua vida podia terminar a qualquer hora. Na verdade, não sabia se estaria vivo no dia seguinte; então, decidiu aproveitar cada dia de vida ao máximo. Aquele Natal marcou uma mudança radical em Phil — tratou Shirley com toda gentileza e brincou bastante com Polly e Junior. Era a primeira vez em muito tempo que se sentia realmente ligado à família.

Amanhã poderia estar morto, mas hoje gozaria as coisas importantes da vida. E, por estranho que pareça, o dinheiro deixou de ser importante.

O dia seguinte encontrou Phil Garland ainda vivo. Pelo segundo dia consecutivo, foi particularmente atencioso com sua esposa e filhos, porque poderia ser seu último dia de vida. A partir daí, Phil passou a dedicar-se diariamente mais à família, enquanto ganhava seu sustento com serviços avulsos. A história termina na véspera do Natal seguinte. O ambiente familiar contrastava vivamente com o do ano anterior — Phil sentia-se alegre e em paz. Vivera tempo suficiente para poder celebrar outro Natal com Shirley e os filhos.

Naquela noite, Phil brincou um pouco com as crianças; a seguir, a família trocou alguns pequenos presentes feitos por eles mesmos durante o ano. Naqueles meses, Phil confeccionara uma linda caixa de costura de nogueira para Shirley, que a fez chorar de alegria. Quando o relógio deu meia-noite, Shirley entregou o seu presente a Phil, uma caixinha contendo um pedaço de veludo vermelho com um fragmento de agulha nele espetado. Era a outra metade da agulha que Phil julgava estar no seu pé. A história termina com Shirley pedindo perdão a Phil. Ela encontrara o pedaço da agulha dias depois do acidente, mas resolvera guardá-la, porque, em certo sentido, ela havia devolvido Phil à família.

Phil, reconhecendo como sua vida se modificara desde o Natal anterior, abraça Shirley e manda que pare de chorar — é Natal.

A congregação pareceu gostar da história, e voltei a usá-la em outros discursos, a fim de ressaltar a importância de colocarmos nossas prioridades na devida ordem e gozarmos a vida com nossa família.

Em 1971, terminei a faculdade e nos mudamos para Illinois, onde ia lecionar na Southern Illinois University. Poucos meses depois, tive uma experiência incomum que me fez recordar vividamente a tal história.

Era um sábado, e eu me levantara de madrugada para corrigir alguns trabalhos escolares antes de ir a uma reunião de liderança da Igreja. Terminando justo em tempo a fim de me vestir e sair para a reunião, corri para o quarto. Chegando no fim do corredor, senti de repente uma dor tão aguda na ponta do pé esquerdo, que fui ao chão. Eu pisara numa agulha! Gritei por socorro. Susan e as crianças vieram correndo; eu continuava sentado, segurando o pé e gemendo de dor.

A cena era dolorosamente familiar. Susan foi buscar um alicate e eu pus-me a puxar a agulha. Ela nem se mexeu. Concordamos que seria melhor procurar ajuda médica. Percebi que conseguia dirigir a camionete, mesmo com a agulha enfiada no pé. Ao contrário de Phil Garland, entretanto, não tinha dúvida alguma se ia tirar ou deixá-la ali.

Eram mais ou menos seis horas da manhã, quando entrei manquejando no pronto-socorro e falei com a enfermeira. O médico atendeu-me minutos mais tarde, fazendo alguns exames preliminares. Chegou à conclusão de que devia chamar um cirurgião, pois a agulha estava muito profunda. Mandando-me ficar deitado na mesa à espera do cirurgião, deixou-me sozinho. Fiquei ali esperando uns quarenta e cinco minutos. Nesse tempo, comecei a pensar seriamente nas coisas que mais importam, quando a gente sente a vida em perigo. Imediatamente, voltou-me à memória meu discurso de Natal em Tallahassee, Flórida, no ano anterior. Que ironia! Ali estava eu, revivendo a experiência de Phil Garland. E como ele, peguei-me pensando na morte — e mais importante ainda, na vida.

Finalmente chegou o médico e se pôs a examinar meu pé.

— É verdade que um pedacinho de metal no corpo pode acabar provocando a morte se não for removido? perguntei. O médico sorriu.

— Acho que já ouvi falar nisso antes . . . mas não sei se é verdade. Mas não precisa preocupar-se, continuou, pois estará livre do seu em poucos minutos.

Enquanto o médico lidava no meu pé, lembrei-me de uma escritura que havia citado freqüentemen-

te quando missionário: "Assim como todos morrem em Adão... (I Cor. 15:22.) Simbolicamente, pensei, todos nós temos um pedacinho de aço em nosso corpo. O Senhor dá-lhe o nome de mortalidade. Acho que foi nesse momento que, pela primeira vez em minha vida, dei-me realmente conta de que eu, também, morreria um dia.

Terminada a cirurgia, voltei para casa, para junto de minha família, que passou a significar muito mais do que jamais o fora. Meu pé acabou sarando, mas a impressão vívida da experiência permanece. Desde aí, venho pensando seriamente em minha vida. Qual o seu propósito? Onde passo a maior parte do meu tempo?

Certo pensamento de Henry David Thoreau (escritor norte-americano, 1817-1862) tem-me ajudado bastante. Diz ele que se retirou para as matas do Lago Walden, em Massachusetts, "porque queria viver deliberadamente, enfrentando somente os fatos essenciais da vida e ver se não conseguia aprender o que tem para ensinar, a fim de não descobrir na hora da morte que não vivera. Eu não queria viver o que não é vida, pois viver é tão precioso". (*Masters of American Literature,* Boston: Houghton Mifflin Company, 1959, p. 405.)

Agora o Natal significa muito mais para mim, principalmente porque o nascimento, vida, morte e ressurreição do Salvador tornaram-se mais significativos. Estou começando a entender a importância de suas palavras, quando disse: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância." (João 10:10.) Parte dessa abundância, sem dúvida, é gozar a vida com nossos entes queridos. Nossos filhos estão crescendo, seus avós ficando mais velhos e agora damo-nos conta de que cada Natal — na verdade, cada dia, — é único e não pode ser desperdiçado com ninharias. Esperamos poder comemorar muitos mais Natais juntos; se não for possível, pelo menos queremos passá-los bem.

Consegui localizar e adquirir um exemplar de "Risco Precioso: Uma História de Natal". Leio-o a cada Natal e reflito sobre minhas experiências, tanto passadas como futuras. E como a de Phil Garland, a "minha" agulha continua espetada num pedaço de veludo e exposta sobre o toucador como constante lembrete da incerteza da vida e importância das prioridades. É uma coisa preciosa da qual sempre nos lembraremos.

Não há liberdade para o homem que não sabe governar a si próprio.

Henry Ward Beecher

O CARTÃO DE NATAL

Dawn Walker Naylor

Estávamos nos primeiros dias de dezembro de 1978, e minha cabeça andava cheia com os preparativos para o Natal, quando me sentei para endereçar nossos cartões natalinos. Fui seguindo cuidadosamente nossa agenda de endereços de "A" a "Z". Chegando no "N", saltou-me aos olhos o nome e endereço de meu sogro, na Cidade do Lago Salgado. Eu o conseguira fazia pouco tempo e o anotara pensando que talvez meu marido quisesse entrar em contato com ele, algum dia. Nós viviámos em Layton, Utah, não muito distante.

David, meu marido, fora separado do pai quando tinha apenas seis anos, devido a divórcio. Depois seu pai se mudara para a Califórnia, onde casara de novo e vivera muitos anos. David criou-se pensando que fora abandonado por ele. Quando jovem, passou muito tempo de lugar em lugar. Pai e filho haviam perdido qualquer contato durante quase trinta anos. Era uma tragédia profundamente sentida pelo filho. Tinha apenas lembranças vagas do pai e que se distorceram com o passar dos anos. David achava que não desejava rever o pai. Mas sua avó paterna, que vivia com seu pai, sempre mantivera contato com uma parente de David e foi dela que consegui o endereço.

O nome me "fitava" insistente da agenda. Que informação inútil, pensei. Não trazia nenhuma recordação visual ou emocional, nem mesmo a lembrança de um rosto. Ali sentada olhando aquele nome, subitamente me senti fortemente impelida a endereçar-lhe um cartão de Natal. Comecei a discutir comigo mesma, mas o impulso persistia.

E se não quisesse saber de nós? E se não fosse o tipo de pessoa que gostássemos de incluir em nossa vida? As dúvidas eram muitas e fortes. Mas o impulso foi criando força e acabei resolvendo mandar o cartão. Não sabendo como meu marido reagiria, entretanto, decidi mandá-lo antes que voltasse para casa. Escolhi um cartão apropriado, enderecei o envelope e escrevi uma breve saudação, incluindo nosso número de telefone. Estava feito. Despachei o cartão. Agora tinha de contar ao meu marido.

Na mesma noite, depois do jantar, vi minha oportunidade. David lia o jornal e então lhe contei calmamente o que fizera. Fiquei esperando. Nenhuma reação. Então repeti o que havia feito. Desta vez, o jornal caiu-lhe das mãos e ficou-me

olhando como que duvidoso se teria feito bem em casar comigo.

Os dias foram passando e acabei esquecendo o tal cartão. Então, uma noite, o telefone tocou, e ao atendê-lo casualmente, ouvi uma voz masculina dizer: "Sou o pai de David." Quase que deixando cair o fone, pensava no que dizer, enquanto procurava freneticamente atrair a atenção de meu marido. Acabei respondendo debilmente:

— Vejo que recebeu o cartão.

Sua resposta vibrou em meus ouvidos:

— Há tanto tempo venho esperando notícias de vocês!

Não sei como consegui gaguejar mais algumas palavras e perguntei:

— Gostaria de falar com o David? — passando o fone ao meu assombrado marido.

Durante a conversa dos dois, eles marcaram dia e hora para um primeiro encontro. Passados alguns dias de nervosismo e apreensão, encontramo-nos na porta da casa de meu sogro. Toquei a campainha. Meu sogro atendeu e apresentou-se. Dentro de casa, conhecemos sua esposa, filhos e a vovó que presenciara o nascimento de David e se lembrava bem dele como criança.

Todos esperavam ansiosamente nossa chegada. Em poucos momentos, sentimo-nos totalmente à vontade. Olhando pela sala, meus olhos deram com uma fotografia do Presidente Spencer W. Kimball sorrindo de cima da lareira. Então eu soube que estávamos no lugar certo.

Palavras não conseguem descrever o encontro de pai e filho após tantos anos. A alegria estampada em seus rostos é algo de que nunca me esquecerei. Sentimos tão grande paz e felicidade, quando percebemos que aquela família era tudo o que esperávamos de uma família. Anos de sentimentos e informações foram trocados naquela noite, além de fazermos planos para o futuro. Sei que todos sentimos que o Pai Celestial tinha muito a ver com aquela reunião.

Enquanto meu marido usufruía jubiloso o encontro com o pai, senti que a reação do Pai Celestial àqueles de nós que finalmente o buscamos deve ser semelhante: "Há tanto tempo venho esperando notícias de vocês."

O Evangelho em Mateus, Marcos, Lucas e João

Robert C. Patch

Ao começarmos a estudar os quatro evangelhos do Novo Testamento, conhecer os antecedentes de cada um deles facilitará a compreensão do que contêm. Neste artigo, o Dr. Patch explica o sentido da *palavra* evangelho, por que tal termo se aplica aos quatro primeiros livros do Novo Testamento, e como estes quatro depoimentos, embora sendo diferentes, reforçam e suplementam o testemunho comum de Cristo. — Os Editores.

Evangelho é uma das traduções de um termo grego que também tem sido transposto como *boas novas, notícias alvissareiras* ou *proclamação alegre*. Jesus provavelmente usou o termo primeiro na sinagoga de Nazaré, ao explicar ter sido ungido para pregar o evangelho. (Lucas 4:18; ver também Isaías 61:1.)

Mas, o que é exatamente evangelho? A revelação moderna completa o sentido. Em D&C 76:4-44, *evangelho* incorpora os conceitos de que Jesus veio ao mundo para ser crucificado, assumir os pecados do mundo, santificá-lo e glorificar o Pai salvando a todos, menos os filhos de Perdição.

Em duas outras revelações, *evangelho* inclui as importantes doutrinas do arrependimento, batismo e batismo de fogo do Espírito Santo, para que nos possam ser ensinadas "as coisas pacíficas do reino". (D&C 39:6.)

O Livro de Mórmon registra que, quando os doze eleitos de Jesus indagaram a respeito do nome da Igreja, o Salvador explicou-lhes que, se levasse o seu nome e fosse fundamentada sobre seu evangelho, então seria a sua igreja. (3 Néfi 27:1-10.)

Esse evangelho incluía mais quatro conceitos, além dos encontrados em Isaías e Doutrina & Convênios: Que ele veio para fazer a vontade do Pai, a fim de que os homens fossem levantados para o julgamento, para que o mundo fosse julgado e para glorificar o Pai em sua obra. (3 Néfi 27:13-14, 16, 19.)

Complementados pela revelação moderna, os sentidos do termo *evangelho* incluem:

1. A missão de Jesus é autorizada pelo Pai e o glorifica.
2. Seu sacrifício redentor e sua morte na cruz permitem que o mundo seja santificado.
3. Jesus abriu a prisão da morte com sua ressurreição.
4. Assim como os homens de seu tempo levantaram o filho em

julgamento, o Pai também levantará os homens para serem julgados pelo Filho.

5. A exortação ao arrependimento é feita aos confins da terra.
6. Somente os santificados pela fé, batismo e Espírito Santo podem tornar-se puros.

Assim, pois, a proclamação do evangelho pode ser considerada, com toda justiça, *boas-novas;* seu sentido comum foi usado por Jesus em Nazaré, no Livro de Mórmon e em Doutrina & Convênios.

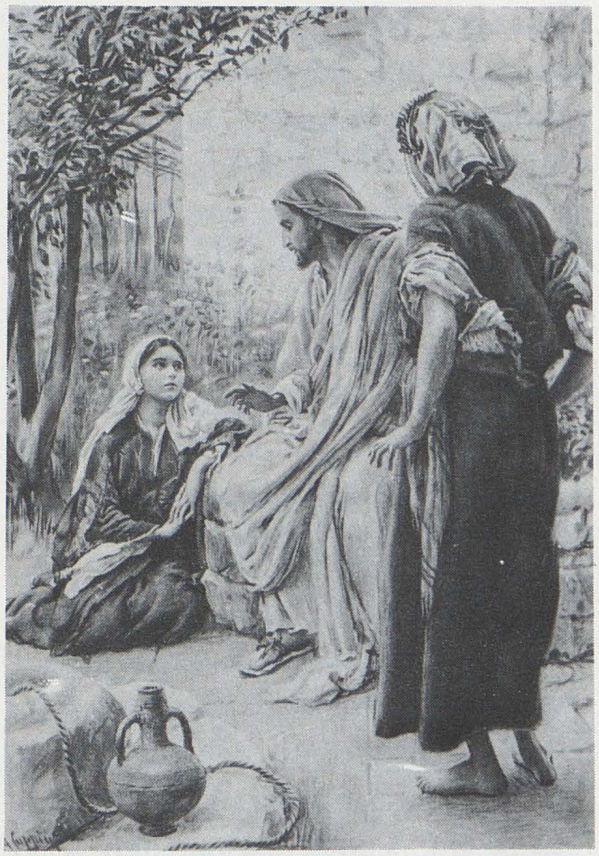
Para grande parte dos cristãos, entretanto, as boas-novas do evangelho estão contidas nos quatro evangelistas — Mateus, Marcos, Lucas e João. Embora os evangelhos dos quatro tenham muita coisa em comum, todos eles contêm informações que não se acham nos outros três. É interessante notar o grande número de pontos concordantes existentes nos quatro evangelhos do Novo Testamento. Mas, apesar da grande semelhança, não são idênticos em esboço e pormenores. O conteúdo e pontos de vista de João diferem bastante dos outros três evangelhos.

Não obstante, os quatro evangelhos registram pelo menos dezoito breves narrativas idênticas. Interessante, contudo, que somente quatro acontecimentos ocorridos antes da última semana de vida de Jesus hajam sido registrados pelos quatro: João Batista e seus ensinamentos, o batismo do Salvador, a rejeição de Jesus por Nazaré e a alimentação dos cinco mil. Os restantes quatorze episódios registrados nos quatro evangelhos ocorreram após a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, uma semana antes da Páscoa. Assim, a última semana de vida de Jesus, ou a Semana da Paixão, é o depoimento melhor documentado do Novo Testamento.

O EVANGELHO DE MATEUS

Duas características distintas do evangelho de Mateus são a abundância de citações proféticas do Velho Testamento e o grande número de sermões registrados. Mateus cita mais de cem referências do Velho Testamento, como se para ele o cristianismo representasse o cumprimento do judaísmo profético — com uma única exceção: A mensagem do cristianismo deveria ser transmitida ao mundo, ao contrário da visão mais restrita dos escribas. Mateus cita uma profecia do Velho Testamento que subentende que o evangelho será pregado igualmente aos gentios. (Mateus 12:19-21.)

A segunda característica do evangelho de Mateus, a série de discursos de Jesus, contém matéria de seis importantes sermões. O primeiro é o Sermão da Montanha (Mateus 5-7), dando ênfase à retidão. Apesar disso, ele apresenta um tom



© Providence Lithograph Company

© Providence Lithograph Company

universal, como quando Jesus diz aos ouvintes: "Vós sois o sal da terra..." (Mateus 5:13), e "Vós sois a luz do mundo..." (Mateus 5:14.)

O segundo discurso foi dirigido aos Doze, quando os mandou sair a pregar. Para essa sua primeira missão, Jesus os instruiu: "Não ireis pelo caminho das gentes... Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel." (Mateus 10:5-6.) Posteriormente, a missão foi ampliada quando Cristo lhes deu a grande comissão registrada em Mateus 28:19: "Portanto ide, ensinai todas as nações..."

O terceiro discurso, uma coletânea de parábolas, está registrado no capítulo 13 de Mateus. Certas pessoas se perguntam por que essas parábolas teriam sido assim justapostas qual contas de um colar. A melhor explicação encontra-se em *Documentary History of the Church,* na qual o Profeta Joseph Smith explica que esse discurso é um perfil dos acontecimentos do reino desde os tempos de Jesus até sua segunda vinda. (*DHC,* vol. 2, pp. 264-72.) Nessas parábolas, transparece a importância da divulgação da verdade no mundo.

A parábola do semeador descreve a disseminação do evangelho. A do joio fala da apostasia. A parábola da semente de mostarda descreve o surgimento da Igreja nos últimos dias, e a do levedo sugere a revelação na Igreja, que, afinal, permeia o todo. A parábola da pérola refere-se ao legado de Sião, e a parábola da rede de pesca prevê que os descendentes de José pregarão o evangelho ao mundo. O sentido dessas parábolas não pode ser circunscrito a um lugar ou povo.

O quarto discurso em Mateus aborda os problemas da ofensa e perdão. (Ver Mat. 18.) Jesus ensina que o Pai não quer que os pequeninos sejam ofendidos ou que pereçam. A indagação de Pedro sobre quantas vezes se deve perdoar o irmão reflete a atitude popular a respeito do perdão. Jesus, porém, responde que a gente deve perdoar "setenta vezes sete" (Mateus 18:22).

O quinto discurso registrado em Mateus 23 denuncia a hipocrisia dos escribas e fariseus. O discurso final da série é o sermão profético de Jesus sobre o fim do mundo. (Mateus 24.) Na Pérola de Grande Valor, encontra-se a versão revisada deste capítulo pelo Profeta Joseph Smith. Cristo dá os sinais da destruição de Jerusalém que aconteceria após sua morte, depois descreve paralelos que aconteceriam nos últimos dias.

Mateus compreendia muito bem que a Igreja teria um destino mundial, conforme evidencia seu enunciado da importante comissão: "Portanto ide, ensinai a todas as nações... e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mateus 28:19-20.)

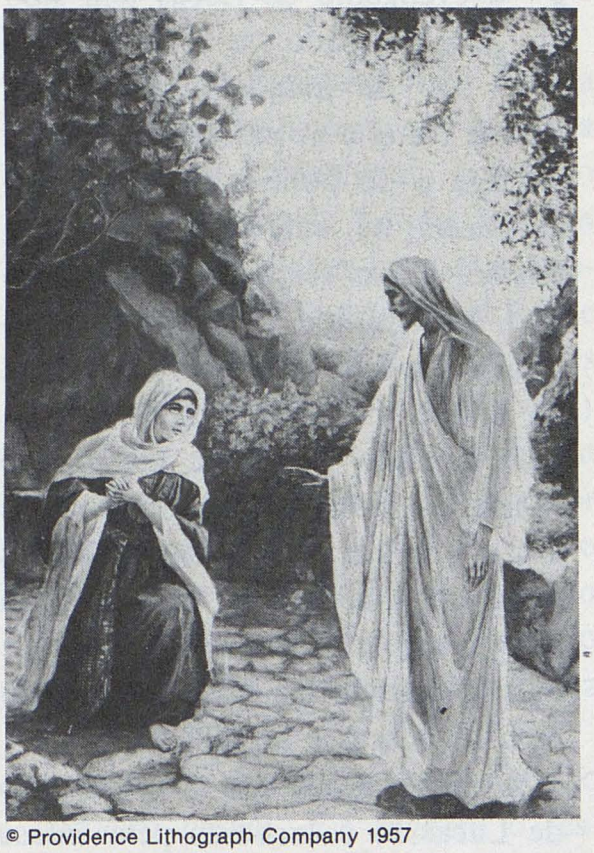
O EVANGELHO DE MARCOS

É o mais curto do Novo Testamento, e estudiosos da Bíblia observam que Marcos parece refletir a atitude de Pedro em seu evangelho.

Como narração independente, porém, apresenta drama, pormenores e discernimento. A primeira frase de seu evangelho: "Princípio do evangelho de Jesus Cristo..." parece procurar declarar algo absolutamente fundamental no pensamento evangélico. O que constitui o "princípio" do evangelho para Marcos?

Sem dúvida, deve ser a divina missão de Cristo, pois ele enumera uma série de evidências para persuadir o leitor de que Jesus tem poder sobre a morte, de que é o Senhor do dia do Sábado, de que ordenou os doze apóstolos, de que ressuscitou da morte, que deu uma visão correta da pureza mosaica e proclamou publicamente ser o Messias. Depois da crucificação, Marcos culmina sua narração com o anjo anunciando: Ele "já ressuscitou". (Marcos 16:6.)

Com que tema Marcos liga a narração da divindade de Cristo com a de seu ministério? Na primeira parte que trata do ministério na Galiléia, quase que se vê a sombra de Isaías 61:1-2, profecia cumprida por João Batista como precursor.



© Providence Lithograph Company 1957

Na narração referente à divindade de Cristo, Marcos alinha todas as evidências de que Jesus é realmente o Messias: pregou que o reino estava próximo; perdoou pecados; era o senhor do Sábado; exercia poder sobre doenças, espíritos e a morte; predisse sua própria morte; e afirmou que o sangue do Novo Testamento era derramado por muitos. (Ver Marcos 14:24.)

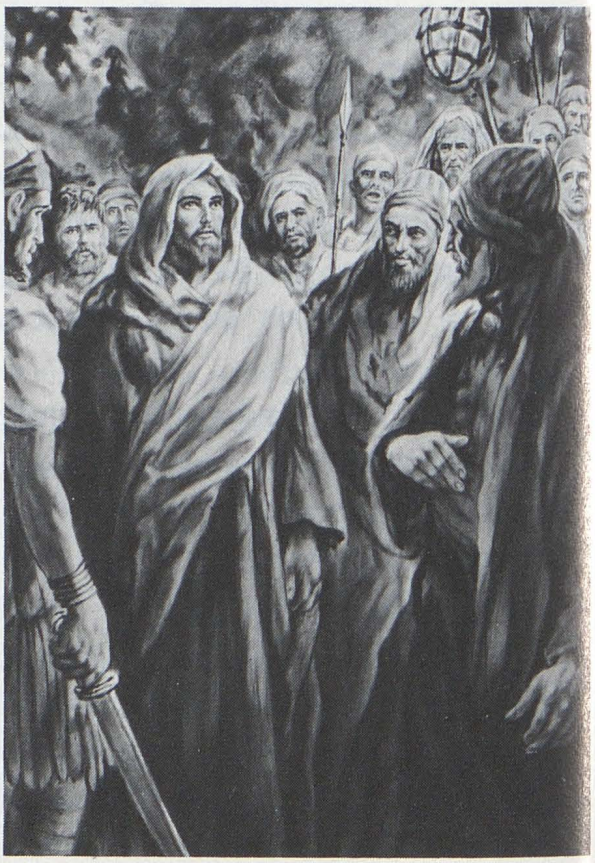
Os escritos de Marcos falam do que o Senhor dos céus e da terra fez, mostrando seu divino poder e missão. Seu evangelho é um testemunho da expiação.

O EVANGELHO DE LUCAS

O evangelho de Lucas tem sido considerado "o mais belo livro do mundo". Suas histórias de Natal e as parábolas do filho pródigo e do bom samaritano conquistaram os corações do mundo cristão. Lucas ressalta o lado histórico, humanitário e espiritual, mostrando especial interesse pelo papel da mulher naqueles tempos. Isabel, mãe de João Batista, a história de Maria, as mulheres de autoridades e outras mulheres não especificadas merecem interessante destaque em seu evangelho. Lucas também se mostra particularmente preocupado com os pobres e humildes.

A visão espiritual no evangelho de Lucas só é excedida pela ênfase idêntica em Atos. Companheiro missionário de Paulo, adquiriu profundo apreço pela função do Santo Espírito na Igreja e grande interesse pela missão maior do Messias. Na verdade, Lucas mostra a missão de Jesus a todos os homens, alquebrados, cativos ou cegos.

Sua narração diz que um anjo descreveu a missão de João Batista a Zacarias, seu pai, que mais tarde profetizou a vinda do Messias. Maria sabia, informada pelo mensageiro celeste, que seu filho seria chamado "Filho do Altíssimo". (Lucas 1:32.) O testemunho de João Batista fala de um "mais poderoso", o qual haveria de batizar com fogo e com o Espírito Santo. Assim, Lucas mostra, desde o início de seu evangelho, que Zacarias, Simeão, Maria e João



© Providence Lithograph Company

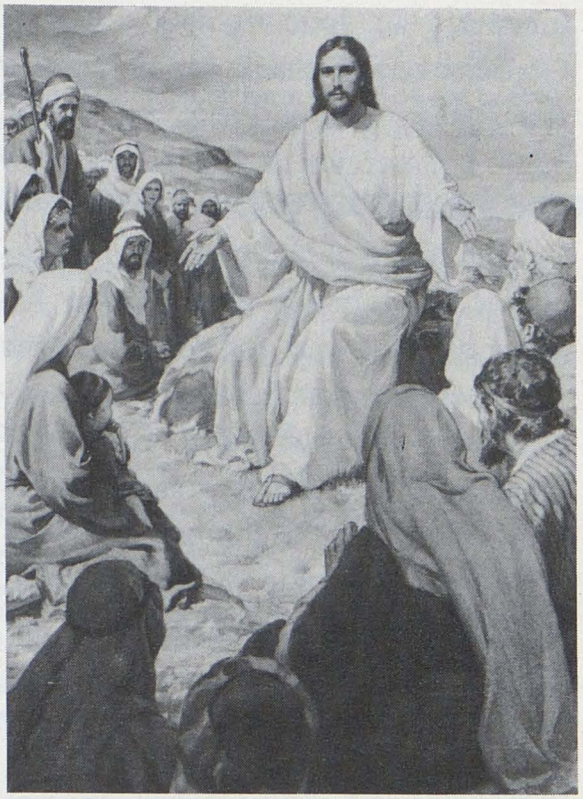
Batista sabiam todos da vinda do Filho do Altíssimo. Conta-nos também como a divindade de Jesus foi admitida pelos demônios em Capernaum, nomeando-o "Santo de Deus" (Lucas 4:34); como chamou os apóstolos, curou doentes e perdoou pecados, alimentou multidões e foi transfigurado. O capítulo final conta como Jesus ensinou dois discípulos no caminho para Emaús.

O tema dominante no evangelho de Lucas é a doutrina do arrependimento e perdão, demonstrada nos incidentes com a mulher pecadora e com o homem paralítico. Jesus instruiu os discípulos a se perdoarem mutuamente e deixou-lhes um belo exemplo quando orou, pregado na cruz: "Pai, perdoa-lhes. . ." (Lucas 23:34.) Pedro foi perdoado depois de havê-lo negado três vezes. Os últimos versículos declaram que o arrependimento e a remissão dos pecados deveriam ser pregados ao mundo inteiro. (Ver Lucas 24:47.)

O EVANGELHO DE JOÃO

É um testemunho ressaltado de maneira toda especial: "Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro.

"Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome." (João 20:30-31.) O tema do testemunho é enfatizado de maneira muito peculiar.



© Providence Lithograph Company 1962

No quinto capítulo, João mostra Jesus dando instruções aos judeus a respeito do testemunho, notando que estas fontes de testemunho são acessíveis a qualquer pessoa: o próprio Jesus, João Batista, os feitos de Jesus, Moisés (no qual os ouvintes de Jesus pretensamente confiavam) e o Pai, ainda que não tivessem ouvido sua voz. Como o Salvador explica em 3 Néfi 11:31-36 que o Pai testifica pelo poder do Espírito Santo, Jesus devia estar dizendo aos judeus que eram surdos à voz do Santo Espírito.

Para João, Jesus era o verdadeiro cordeiro pascal. Ele registra o tes-

temunho de João Batista: "Eis o Cordeiro de Deus." (João 1:29.) Esta frase tem origem em Isaías 53:7 e descreve as quatro Páscoas do ministério de Jesus.

João tem o cuidado especial de registrar que, quando encontraram Jesus morto na cruz, os soldados não lhe quebraram as pernas como aos dois ladrões, explicando: "Isto aconteceu para que se cumprisse a escritura, que diz: "Nenhum dos seus ossos será quebrado" (João 19:36), referindo-se às instruções para o sacrifício do cordeiro pascal. (Êxodo 12:46.)

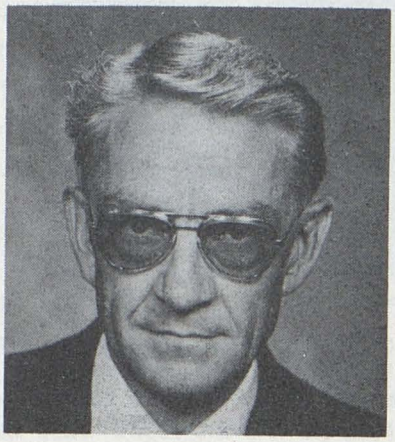
O EVANGELHO, APOSTASIA E TESTEMUNHO

Os escritos do Novo Testamento circularam pelo mundo cristão durante três séculos após o último deles ter sido escrito. No segundo século, as heresias conhecidas como Docetismo, Montanismo, Gnosticismo e Monarquianismo forçaram a igreja cristã tradicional a usar os escritos apostólicos do primeiro século, a fim de proteger e fortalecer sua autoridade fragmentada. Nessa época, a lista dos livros controvertidos incluía o Apocalipse, Tiago, Judas, II Pedro e II e III João. A epístola aos hebreus foi aceita em Alexandria duzentos anos antes de sê-lo em Roma. Por outro lado, o Didachê, Apocalipse de Pedro, o Pastor de Hermas, as epístolas de Barnabé e I Clemente eram aceitos a princípio e mais tarde rejeitados. Nesse período de heresia, apostasia e divisionismo, o poder religioso dos evangelhos do Novo Testamento não foi seriamente contestado.

A força religiosa dos evangelhos do Novo Testamento apóia-se em testemunhas. Mateus testifica que o mundo ouviria o anúncio feliz; Marcos testifica que Jesus é o Redentor; Lucas deixou um testemunho da remissão dos pecados; o evangelho de João é um testemunho de que o simbolismo pascal se cumpriu. 3 Néfi testifica da santificação. Doutrina & Convênios testifica do juízo. E todos eles testificam da ressurreição. E diz João ainda: "Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior. . ." (I João 5:9.)

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral a respeito do evangelho, respondidas à guisa de esclarecimento e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Dr. Monte S. Nyman, professor-associado de escritura antiga, Universidade Brigham Young:

P. *O Sermão da Montanha parece fragmentado em sua estrutura. Existem outros exemplos desse tipo de literatura? É simplesmente uma fragmentação aparente? Um problema de registro e transmissão?*

R. Devido a essa aparente fragmentação, é voz corrente no mundo cristão que o Sermão da Montanha não foi proferido de uma só vez, mas é composto de "sentenças morais, máximas e ilustrações colhidas e lembradas de muitos discursos". (Interpreters Bible, vol. 1, p. 297; ver também pp. 155-164.) Que isto não é verdade vê-se pelo Livro de Mórmon.

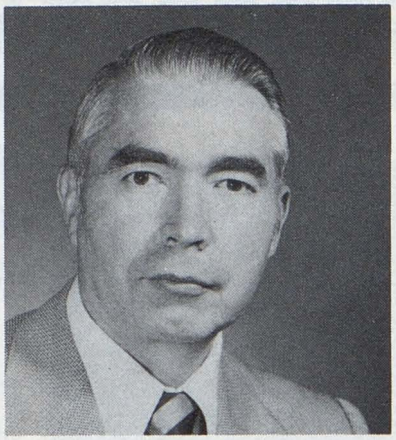
Ao visitar os nefitas após sua ressurreição, Jesus fez basicamente o mesmo sermão (ver 3 Néfi 12-14) e, concluindo suas palavras, disse ao povo ali reunido que ouviram "as coisas que ensinei antes de subir a meu Pai". (3 Néfi 15:1.) Embora não declare explicitamente que o sermão foi feito de uma só vez, deixa-o implícito; e o fato de ter falado tudo de uma só vez aos nefitas, corrobora que fizera o mesmo antes. Por que então parece assim fragmentado? Explicarei.

Embora tenha sido comparado a escritos rabínicos e filosóficos gregos, o Sermão da Montanha tem características próprias. A aparente desarmonia resulta de seu conteúdo. Mais uma vez isto é esclarecido no Livro de Mórmon — evidentemente o evangelho de Mateus sofreu perda de muitas partes claras e preciosas. (Ver 1 Néfi 13:23-29.) Que é este o caso e que as divergências não se limitam a diferenças entre dois sermões, é comprovado pelo fato de que Joseph Smith incluiu os ensinamentos adicionais do sermão do Livro de Mórmon em sua tradução inspirada da Bíblia. O Sermão da Montanha não precisa ser encarado como problema de registro e transmissão, mas deve ser visto como um texto que sofreu alterações, omissões e possivelmente, falhas de tradução. É fragmentado no sentido de que partes dele são dirigidas a audiências diferentes. A primeira parte (Mateus 5:1 a 6:24; 3 Néfi 12:1 a

13:24), é endereçada à multidão ali reunida. No Livro de Mórmon, o Salvador dá instruções aos Doze antes de falar à multidão. (3 Néfi 11:21-41.) A segunda parte (Mateus 6:25-34; 3 Néfi 13:25-34) é dirigida aos Doze por ele escolhidos. A terceira parte volta a ser dirigida à multidão. Assim, três segmentos separados dele apresentam instruções de aplicação geral intercalados de instruções específicas para os Doze.

O Sermão da Montanha registrado em Mateus apresenta fragmentação mais aparente devido à mudança brusca de assuntos. As bem-aventuranças, a comparação do ouvinte com sal e luz, o cumprimento da lei e a comparação da lei com os ensinamentos de Cristo — tudo parece ser tratado distinta e separadamente no capítulo 5 de Mateus. No Livro de Mórmon, contudo, todos esses assuntos são ligados ao princípio "vinde a mim" (ver 3 Néfi 11:14, 12:3, 19, 20, 23), apresentado pelo Senhor no início de suas instruções para a multidão, tornando o Sermão da Montanha, conforme registrado no Livro de Mórmon, uma bela interpretação do papel do membro batizado da Igreja.

O mundo, infelizmente, perdeu o conceito unificador desse sermão magistral. Estudando a versão do Livro de Mórmon, com sua clara e preciosa verdade restaurada, conseguimos apreciar e compreendê-lo melhor.



Dr. Richard Lloyd Anderson, professor de História e Escritura Antiga, Universidade de Brigham Young.

P. *Por que os evangelhos são tão incompletos com referência aos pormenores da vida de Jesus?*

R. Apenas um evangelho começa falando da grandiosidade de Jesus na preexistência. Somente dois falam de seu milagroso nascimento. Três deles mencionam uma só Páscoa em sua vida, deixando a descrição dos seus três anos de ministério ao quarto. Obviamente esses breves relatos jamais pretenderam ser biografias. Então, o que pretendiam?

Joseph Smith deu uma resposta esclarecedora, usando um novo tí-

tulo: "O Testemunho" de Mateus e João. Tais modificações na Tradução Joseph Smith destacam o caráter especial de cada evangelho.

Todos os autores tinham o mesmo próposito fundamental de João. João foi o último apóstolo sobrevivente escolhido pessoalmente por Jesus, e sua linguagem se caracteriza pelos termos "testemunho" e "testifico". Setenta por cento desses termos declarando conhecimento pessoal (*maturia* e *martureo*) de todo o Novo Testamento encontram-se nos escritos de João, preocupado com sua missão de testificar o que sabia pessoalmente. Basta comparar o primeiro capítulo de João ("vimos a sua glória" — João 1:14) com os primeiros versículos de I João ("vimos com os nossos olhos ... e as nossas mãos tocaram" — I João 1:1). O autor do último evangelho falava por todos, ressaltando que escrevia "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus; e para que, crendo, tenhais vida em seu nome". (João 20:31.)

Muitos concluem que o escrito de João é apenas testemunho e não história. Na verdade, João escreve história organizada em torno de seu testemunho, conforme mostra o nome *evangelho*. Evidentemente, desde o princípio os depoimentos a respeito da vida de Jesus foram chamados de evangelho — por quê? O termo grego *euangelion* é composto de *angelia,* "mensagem" ou "anúncio" precedido do prefixo correspondente a "bom" ou "favorável". O sentido de *evangelho* é "boas novas". Os relatos sobre Cristo foram chamados de evangelhos por pregarem o evangelho, a maravilhosa mensagem vencedora da morte e do pecado. Embora todos os evangelhos difiram na colocação dos antecedentes, todos eles são minuciosos na conclusão em si, a história da morte e ressurreição. Por exemplo, um terço de Marcos e quase metade de João são dedicados à última semana de vida de Cristo.

Todo fato que aprendemos a respeito de Cristo intensifica nosso interesse, mas o que ele fez por nós comprou-nos a salvação. Os evangelhos não se destinavam a ser biografias, mas sim a pregar-nos o evangelho contando fatos a respeito de Cristo, que foi enviado por Deus, mostrou o poder de Deus em sua vida e ensinamentos, deu autoridade a sua igreja, sacrificou-se voluntariamente para que tivéssemos vida eterna e, finalmente, ressuscitou, abrindo o caminho para a ressurreição de todos nós. Esta magnífica história é o tema e testemunho dos quatro evangelhos do Novo Testamento.

Há duas maneiras de se espalhar a luz: ser a candeia ou o espelho que a reflete.

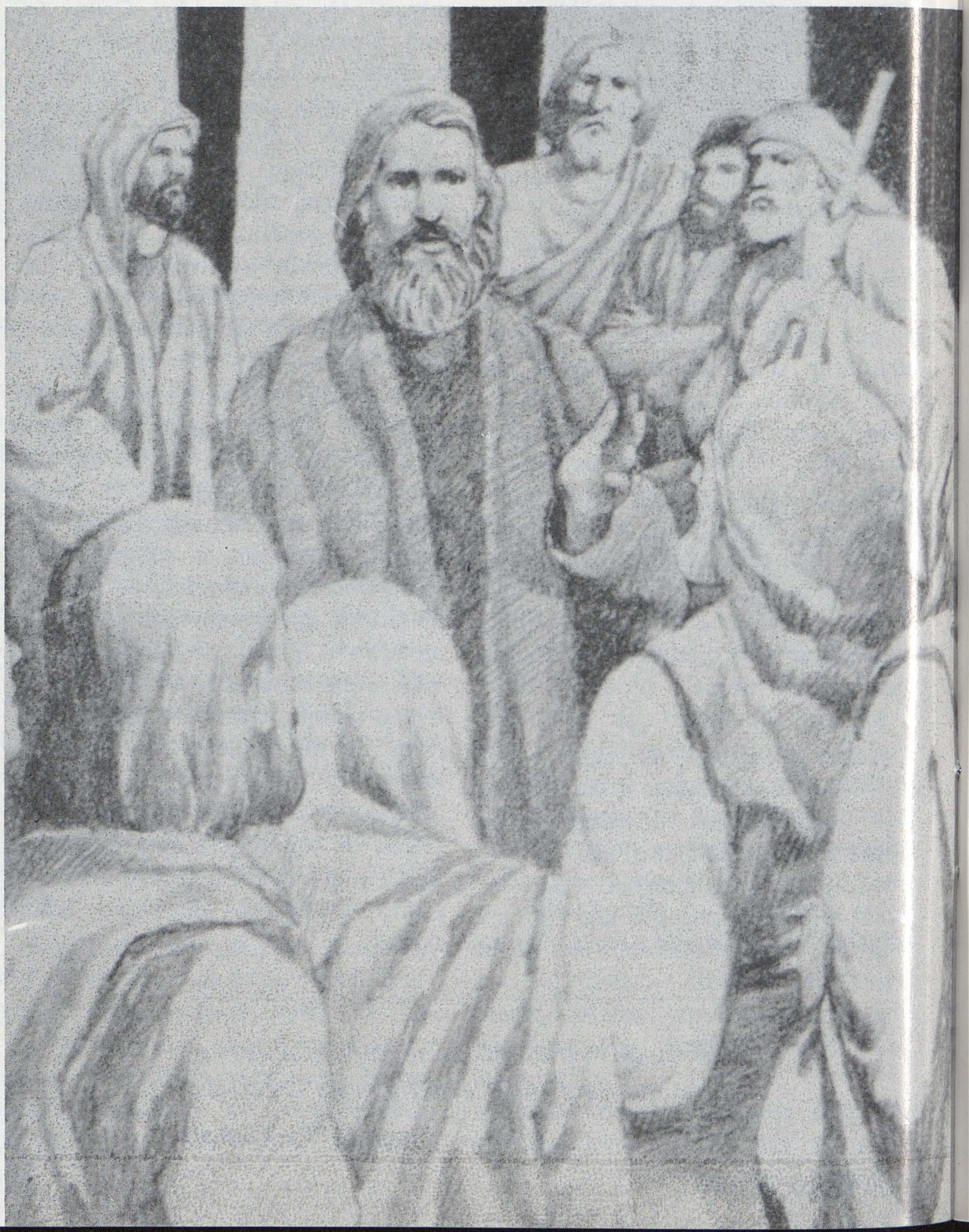
Spencer W. Kimball

Do Pórtico de Salomão

T. Edgar Lyon

Os cristãos do século XX, empenhados em reconstruir a história dos primórdios da Igreja Cristã, logo compreenderam sua dívida para com o médico escritor Lucas, autor do Evangelho de

Uma Visão da Igreja Quando os Apóstolos a Assumiram



Lucas e Atos dos Apóstolos. Na verdade, estas duas obras são a história da fundação do cristianismo.

Por mais que apreciemos o trabalho de Lucas, há muitas coisas que poderia ter escrito. Ele deixou de registrar a organização formal da igreja nos dias de Jesus, e tampouco menciona seus oficiais, títulos e níveis de autoridade, a denominação da comunidade cristã de Jerusalém, nem a atitude dos cristãos judeus para com o templo e adjacências, e os sacrifícios diários oferecidos pelos sacerdotes levitas, ou observância do sábado judaico. Teófilo, a quem Lucas dedica ambas as obras, possivelmente conhecia tão bem todas essas coisas, que Lucas não viu razão para mencioná-las.

O Crescimento da Igreja

O livro de Atos dos Apóstolos continua a narrar a história da comunidade cristã de Jerusalém, a partir do fim do Evangelho de Lucas. Após a ascensão do Senhor do Monte das Oliveiras, Lucas fala de uma reunião dos santos, em número de "quase cento e vinte pessoas". (Atos 1:15.) Nessa ocasião, Pedro declara que os apóstolos sobreviventes devem escolher candidatos para preencher a vaga deixada pela morte de Judas Iscariotes, estipulando dois requisitos para o ofício: a pessoa devia ter acompanhado Jesus e seus discípulos desde seu batismo por João Batista, como também presenciado a ressurreição de Cristo. Encontraram dois candidatos, ambos igualmente qualificados, na aparência. Então oraram ao Senhor, que conhece a fundo o coração dos homens, que indicasse qual "destes dois tens escolhido" (Atos 1:24), sendo inspirados a escolher Matias para preencher a vaga nos Doze. Vale notar que os apóstolos insistiam em que fosse uma igreja dirigida por inspiração e não governada pelo homem.

Parece que o Pórtico de Salomão servia aos mesmos propósitos dos foruns romanos e gregos, onde se faziam reuniões e debates públicos.

A seguir, Lucas relata um acontecimento extraordinário, ocorrido dez dias após a ascensão de Jesus, durante os festejos judaicos de Pentecostes. Nesse dia memorável, conta Lucas, alguns judeus palestinos, bem como numerosos judeus estrangeiros, vindos de umas quinze províncias ou principados do Império Romano, estavam reunidos em lugar incerto, quando houve uma miraculosa manifestação do Espírito nos apóstolos, fazendo-os falar em línguas. Os ouvintes ficaram assombrados que os apóstolos, nativos da Galiléia (ver Atos 2:7), fossem capazes de pregar o evangelho no idioma dos ouvintes. (Ver Atos 2:1-37.)

Após essa maravilhosa manifestação, Pedro faz um esplêndido resumo do messianismo de Jesus, testificando que era o Redentor ressurreto do mundo. A congregação, subitamente, deu-se conta de que precisava arrepender-se por haver rejeitado Jesus como seu Messias, e perguntou a Pedro como poderia escapar à merecida punição. Respondendo, Pedro pregou-lhes os primeiros princípios do evangelho. Lucas diz que naquele dia "quase

três mil almas" batizaram-se na Igreja Cristã. (Ver Atos 2:37-42.) Mais conversos filiaram-se à Igreja pouco depois, após outro acontecimento extraordinário. Pedro e João dirigiam-se ao templo na "hora da oração" (Atos 3:1), quando encontraram no portal deste um mendigo que lhes pediu uma esmola. Pedro respondeu que não tinham dinheiro, mas curou o pedinte que era coxo desde o nascimento. O milagre presenciado por muitos fez grande número de judeus acorrerem ao Átrio dos Gentios. (Ver Atos 3:11.) Ali Pedro expôs como haviam rejeitado Jesus de Nazaré como o Messias, exortando-os a se arrependerem desse ato hediondo. Lucas diz que sua pregação foi tão eficaz, que "muitos... dos que ouviram a palavra creram, e chegou o número desses homens a quase cinco mil". (Atos 4:4.)

A Vida Comunitária dos Santos

O entusiasmo e o compromisso com uma nova espécie de irmandade eram tão grandes, que muitos dos que se converteram nessas duas ocasiões, desejaram dividir tudo o que tinham com seus irmãos cristãos, de acordo com os ensinamentos do evangelho:

"Não havia pois entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos.

O entusiasmo pela nova espécie de irmandade era tão grande, que desejavam dividir tudo o que tinham.

"E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha. (Atos 34-35.)

"E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum.

"E vendiam suas propriedades e fazendas, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister." (Atos 2:44-45.)

Nestas duas passagens, somos apresentados a um plano de "comunitarismo" religioso entre os santos de Jerusalém, evidenciando uma manifestação do mesmo espírito que motivou os nefitas no Hemisfério Ocidental, após a visita do Senhor ressurreto. O sistema de cooperação econômica nefita durou cerca de dois séculos. (Ver 4 Néfi 1-27.)

Com o rápido crescimento da Igreja, a aquisição e distribuição de alimentos tomava todo o tempo dos apóstolos. Percebendo que esse trabalho os impedia de pregar o evangelho, sua principal comissão, os Doze convocaram uma reunião dos santos na qual lhes explicaram que os apóstolos não foram chamados para servir "às mesas", propondo que fossem convocados sete homens para assumirem tal responsabilidade. (Ver Atos 6:1-6.) E assim foi feito.

Lucas não menciona o ofício ou título desses homens. Muitos anos mais tarde, quando o cristianismo apóstata havia transferido esse encargo aos diáconos, editores e comentaristas bíblicos passaram a descrevê-los em cabeçalhos e notas de rodapé como os "sete diáconos". Os escritos de Lucas não dizem nada disso. Seu trabalho de cuidar das necessidades temporais do povo, entretanto, estava de acordo com as funções de bispo. Pode bem ser que os santos de Jerusalém estivessem divididos em sete ramos, tendo um bispo encarregado do bem-estar temporal de cada congregação.

A adoção do novo sistema econômico pelos santos de Jerusalém foi um ato de grande amor e fé cristãos. Não obstante, acabou provocando dificuldades. Muitos dos que se filiaram à igreja no dia de Pentecostes, podem ter sido pessoas abastadas proprietárias de casas, terras e outros empreendimentos lucrativos. Tivessem eles conservado suas propriedades e entregue os rendimentos destas à comunidade cristã, provavelmente a comunidade contaria com rendas constantes. Vendendo suas propriedades, porém, esses santos perderam suas fontes de renda; quando cresceu o número de membros e muita gente pobre se filiou à Igreja, os fundos doados pelos primeiros dois grandes grupos se exauriram.

Quando realizava obra missionária entre judeus e gentios na Ásia Menor e Europa, uns quinze anos mais tarde, Paulo pediu donativos a fim de favorecer os cristãos de Jerusalém que viviam na miséria. (Ver I Coríntios 16:1-4; II Coríntios 9:1-8.) Nessa época, aparentemente haviam literalmente "comido" seu capital, ficando praticamente sem renda alguma.

O Dia do Sábado na Igreja Primitiva

Os santos de Jerusalém influenciaram fortemente o desenvolvimento do dia santificado cristão. Embora as escrituras nos falem relativamente pouco da antiga observância cristã do seu dia santificado, sabemos que os primeiros líderes cristãos foram criados na fé judaica e aparentemente eram judeus devotos

e ortodoxos, do contrário não estariam à espera do prometido Messias. Conseqüentemente, devem ter sido participantes ativos dos serviços religiosos do sábado nas sinagogas, quando adultos. Sem dúvida compareciam aos serviços religiosos nas noites de sexta-feira em preparação para o sábado, que começava ao pôr-do-sol, cantando salmos, fazendo orações e lendo passagens dos escritos dos profetas e da lei de Moisés.

Além de suas funções religiosas, a sinagoga e o rabino eram escola e mestre para as crianças e jovens durante a semana. Ali estudavam os Dez Mandamentos, a lei de Moisés, o Talmude que formavam o fundamento do culto judaico e serviço à humanidade.

Jesus não deve ter fugido à regra, pois seus sermões e ensinamentos denotam muita familiaridade com a lei, os profetas e seus escritos. Nos evangelhos, diz-se que ele ia à sinagoga nos dias de Sábado, muitas vezes como intérprete das escrituras ou como alguém que apontava erros nas crenças e práticas judaicas. (Ver Lucas 4:16-21.)

Seus apóstolos, logicamente, o acompanhavam, e seria absolutamente natural que eles e seus seguidores continuassem freqüentando as sinagogas. Lucas conta que, quando os missionários iam além das fronteiras palestinas, eles compareciam às sinagogas no Sábado e quando lhes permitiam, pregavam a respeito da morte e ressurreição de Jesus aos judeus. (Ver, por exemplo, Atos 13:5,14; 14:1; 17:1-2.)

Como as crenças cristãs ultrapassavam as do judaísmo, era de se esperar que os cristãos fossem modificando seus serviços religiosos até se tornarem incompatíveis com o que se passava nas sinagogas. Ao culto de Deus, o Pai, e interpretação de escrituras comuns a cristãos e judeus, por exemplo, os cristãos logo acrescentaram cinco novas dimensões ao serviço religioso no dia santificado: (1) culto ao Cristo ressurreto; (2) celebração em memória da Ceia do Senhor; (3) participação de mulheres e crianças no culto; (4) canto congregacional de "salmos e hinos, e cânticos espirituais" (Efésios 5:19); (5) testemunho verbal dos membros do que haviam visto e ouvido contar a respeito de Jesus. (T. E. Lyon, *Da Apostasia à Restauração,* Curso dos Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, 1961.)

Vale notar que os apóstolos insistiam em que fosse uma igreja dirigida por inspiração e não governada pelo homem.

O Novo Testamento não especifica a data em que a igreja cristã transferiu seu dia santificado do sábado judaico para o domingo, primeiro dia da semana. Possivelmente foi uma modificação gradual, e não algo feito simultaneamente em toda parte por ordem apostólica. Era natural que os santos, passando a entender melhor a expiação e ressurreição, sentissem que o dia em que Cristo ressuscitou dentre os mortos era mais importante que o sábado. Além disso, é possível também que

quisessem distinguir-se dos judeus, particularmente depois de haverem sido expulsos das sinagogas como "hereges". Outra possibilidade, bastante plausível, é que a mudança do dia santificado para o domingo fosse resultado de mandamento direto do Senhor.

É preciso lembrar que, naqueles tempos, nem todas as pessoas tinham direito a um dia de descanso semanal. O governo romano fizera uma concessão especial aos judeus, permitindo-lhes descansar no seu dia santificado. (Os cristãos só conseguiram tal regalia por decreto do Imperador Constantino, em 321 A.D.) E mesmo assim só faziam jus ao privilégio os moradores de cidades.

Isto talvez explique por que os cristãos primitivos continuaram a acompanhar o culto religioso judaico, para gozar do privilégio de um dia de descanso semanal. Além do aspecto prático, havia o argumento de consciência; eles deviam considerar-se melhores judeus que os que se recusaram a aceitar Jesus como seu Mestre, e por conseguinte tinham direito aos privilégios especiais garantidos por Roma aos judeus.

Freqüência ao Templo

Assim como a observância do dia santificado obviamente teve origem na formação judaica dos líderes cristãos, o mesmo aconteceu com sua freqüência ao templo. O livro de Atos mostra que os cristãos, líderes e membros, continuaram indo ao templo depois do dia de Pentecostes, assim como faziam antes da morte de Cristo. As escrituras mostram igualmente que esse costume se manteve por uns vinte e cinco anos, pelo menos. Paulo, por exemplo, foi preso enquanto participava de cerimônias judaicas dentro do recinto do templo. (Ver Atos 20: 26-33.)

Uma das razões de os cristãos judeus continuarem a freqüentar o recinto do templo é que se consideravam a legítima Israel da profecia e escritura. Acreditavam que o Messias viera, sendo aceito unicamente por eles. Os judeus que o haviam rejeitado e crucificado, perderam com isso sua condição de membros da Israel profetizada, deixando de ser o povo eleito de Deus. Os santos acreditavam que, sendo herdeiros das promessas do convênio com Abraão, o santuário do templo e área adjacente eram, por direito, seu local de culto. Obviamente, os judeus que controlavam o templo propriamente dito não iriam cedê-lo aos seguidores do homem por eles rejeitado. Assim, os cristãos eram obrigados a contentar-se com os recintos externos do templo, enquanto as autoridades judaicas mantinham as cerimônias e sacrifícios tradicionais que os cristãos sabiam ultrapassados.

A segunda razão para os cristãos continuarem a freqüentar o templo era oferecer um conveniente local de reunião com sua vasta área aberta, à qual multidões de diversas crenças e terras acorriam para realizar serviços religiosos, espairecer e até mesmo negociar. (Ver Mateus 21:12.)

Não nos devemos esquecer de que o templo era usado por judeus apóstatas que tinham somente o sacerdócio levítico. Embora muito bonito e rico, o templo tinha dimensões diminutas, pois não se destinava à realização de ordenanças, mas de-

---

Em data não especificada . . . a igreja cristã transferiu seu dia santificado do sábado judaico para o domingo, primeiro dia da semana.

---

via simbolizar a presença histórica de Deus em Israel. Só um número limitado de sacerdotes levitas tinha permissão de entrar no templo, ao qual não tinham acesso as mulheres nem homens de outras tribos. Anexo ao templo, havia cômodos para os sacerdotes, um salão para reuniões do sinédrio e escritórios para os oficiais autorizados por Roma a exercer jurisdição sobre os judeus no mundo inteiro. Estas construções eram cercadas pelo muro do templo, com portões para proteger o santuário de profanação, em caso de tumulto. Fora desse muro, situavam-se os chamados átrios. Mais próximo ao muro, o Átrio dos Homens (israelitas) do qual estes podiam observar os sacrifícios diários feitos pelos sacerdotes no elevado altar externo a leste do templo; seguia-se o Átrio das Mulheres (israelitas) que não podiam aproximar-se tanto do templo quanto os homens. Aquém deste, situava-se o maior e mais externo dos recintos, conhecido como Átrio dos Gentios. (Esse era público, mais ou menos como a Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado é aberta ao público, embora uma grade interna cerque o templo propriamente dito.)

Herodes havia importado da Grécia colunas de mármore que adornavam em dupla fileira três lados do Átrio dos Gentios. (Esse era público, havia uma colunata de cento e sessenta e duas colunas coríntias dispostas em quatro fileiras, lembrando a disposição do grande templo pagão em Karnak, no Egito. Certos entendidos supõem que, à semelhança de muitos templos gregos e romanos, fosse originalmente coberta com um telhado de cedro para proteção contra a chuva e o sol, e neve ocasional. Em diversas passagens é chamada de Pórtico de Salomão. (Ver Atos 3:11, 5:12; João 10:23.)

O relato de Lucas indica que, vivendo em regime de propriedade comum, os santos não eram obrigados a trabalhar diariamente, podendo reunir-se nessa colunata próxima ao templo. Ali Pedro, os outros apóstolos e possivelmente os encarregados da distribuição de alimentos davam instruções. Parece que o Pórtico de Salomão servia aos mesmos propósitos dos foruns romanos e gregos, onde se faziam reuniões e debates públicos. É fácil de entender por que os oficiais do templo se irritavam com o grupo de "hereges" que se apossara desse largo recinto nos terrenos do templo para pregar doutrinas condenando os líderes

judeus em particular e o povo judeu em geral.

O Cristianismo É Levado aos Samaritanos

Embora os primeiros grandes grupos de conversos pertencessem à comunidade judaica, as verdades universais da Igreja logo atraíram também outros grupos. O primeiro destes a se mostrar receptivo parece terem sido os samaritanos, cujas origens remontavam ao século VIII A.C., quando milhares de homens israelitas foram deportados para a Assíria. Esses homens foram substituídos por pagãos provenientes de outras terras que se casaram com mulheres israelitas, aceitaram em geral a religião destas, mesclando-a, porém, com o culto a Baal. (Ver II Reis 17:24-33.) No tempo de Jesus, eram considerados israelitas apóstatas pelos judeus. Como aceitavam o Velho Testamento e muitas tradições orais judaicas, não eram vistos como gentios, mas um povo de religião degenerada e corrupta.

Mateus relata que Jesus instruiu os apóstolos a não pregarem aos gentios ou samaritanos enquanto vivo (ver Mateus 10:5), e não existe nenhum indício de que haja batizado um só deles. Entretanto, muitos samaritanos haviam aceito Jesus como o Messias, e Filipe, possivelmente por designação dos Doze (ver João 4:39-42), viajou para Samaria, onde converteu muita gente.

Pedro e João, tendo notícia de seu sucesso, dirigiram-se à Samaria e o ajudaram a confirmá-los membros da Igreja. (Atos 8:5-8, 14-25.) O fato de os arqui-ortodoxos Filipe, Pedro e João não hesitarem em aceitar samaritanos na Igreja, indica que não os consideravam gentios.

Primeiros Não-judeus Admitidos na Igreja

Em contínua expansão, o evangelho ultrapassou judeus e judeus apóstatas - os samaritanos - chegando aos gentios. Eis a interessante história de Cornélio, representando a revelação do Senhor ao presidente da Igreja, aprovando e autorizando a pregação do evangelho aos gentios.

Cornélio era um oficial romano aquartelado em Cesaréia, piedoso, temente a Deus e generoso para com os pobres. A descrição em Atos 10:1-2 mostra-o como um estudioso do judaísmo. Orando em busca de orientação, talvez imaginando se deveria converter-se ao judaísmo, apareceu-lhe um anjo e disse que mandasse buscar Pedro em Jope, pouco mais de cinqüenta quilômetros ao sul.

Depois de ter uma visão alegórica mandando-o aceitar o convite, Pedro viajou para Cesaréia, acompanhado de cristãos judeus de Jope. Cornélio contou a Pedro sua visão e pediu-lhe que desse a prometida mensagem a ele próprio e sua casa. O Espírito Santo era tão manifesto, que Pedro não pôde negar que Cristo estava abrindo a porta da conversão aos não-judeus, e assim os batizou. (Ver Atos 10:44-48.)

Quando retornou a Jerusalém e contou sua visão e a manifestação

do Espírito Santo aos gentios, os cristãos judeus disseram, assombrados: "Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida." (Atos 11:18.) Esses foram os primeiros gentios admitidos na Igreja Cristã, abrindo oficialmente a porta à divulgação mundial do cristianismo que Paulo, como "apóstolo dos gentios", seria encarregado de lançar.

Organização da Igreja

Os membros atuais da Igreja não devem procurar traçar paralelos exatos entre os incidentes da história bíblica e as práticas correntes de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Antes, convém comparar a primitiva organização da Igreja com a da atual durante seus anos de formação de 1830 a 1850, quando, por exemplo, portadores do

---

Muitos samaritanos haviam aceito Jesus como o Messias, e Filipe viajou para a Samaria, onde converteu muita gente.

---

sacerdócio serviam em diversas funções, antes de organizados em quoruns como temos hoje. Antes da existência do Conselho dos Doze, indivíduos recebiam designações que posteriormente se tornaram funções apostólicas.

Isto nos ajuda a entender enigmas como o do homem chamado Ágabo, mencionado duas vezes como profeta. (Ver Atos 11:28; 21:10.) Bem pode ter sido um setenta ou outro oficial qualquer da Igreja. Como Lucas não dá pormenores, não se sabe nada a respeito dele ou de seu relacionamento com os apóstolos. Assim, Lucas menciona que Filipe, então residente em Cesaréia, tinha quatro filhas "que profetizavam" (Ver Atos 21:9), embora não registre nenhuma profecia delas ou como eram encaradas. Não obstante, a profecia de Ágabo sobre o cativeiro de Paulo em Roma, foi obviamente correta. (Ver Atos 21:11.) Não sabemos que posição ocupavam ou que funções exerciam. Pode destinar-se simplesmente a mostrar que certas pessoas eram dotadas de discernimento espiritual.

Os escritos de Lucas nos preservaram vislumbres de uma igreja em formação... passando de uma religião estritamente judaica para uma igreja mundial.

Os escritos de Lucas nos preservaram vislumbres de uma igreja em formação, explorando o que significa ser cristão, passando de uma religião estritamente judaica para uma igreja mundial. Como acontece hoje, era dirigida por seres humanos inspirados do alto e motivados por seu fervoroso testemunho de Jesus. Assim como nós, deviam colocar princípios do evangelho em ação dentro do tempo e espaço do mundo em que viviam.

O Natal e as Suas Recordações para seus filhos

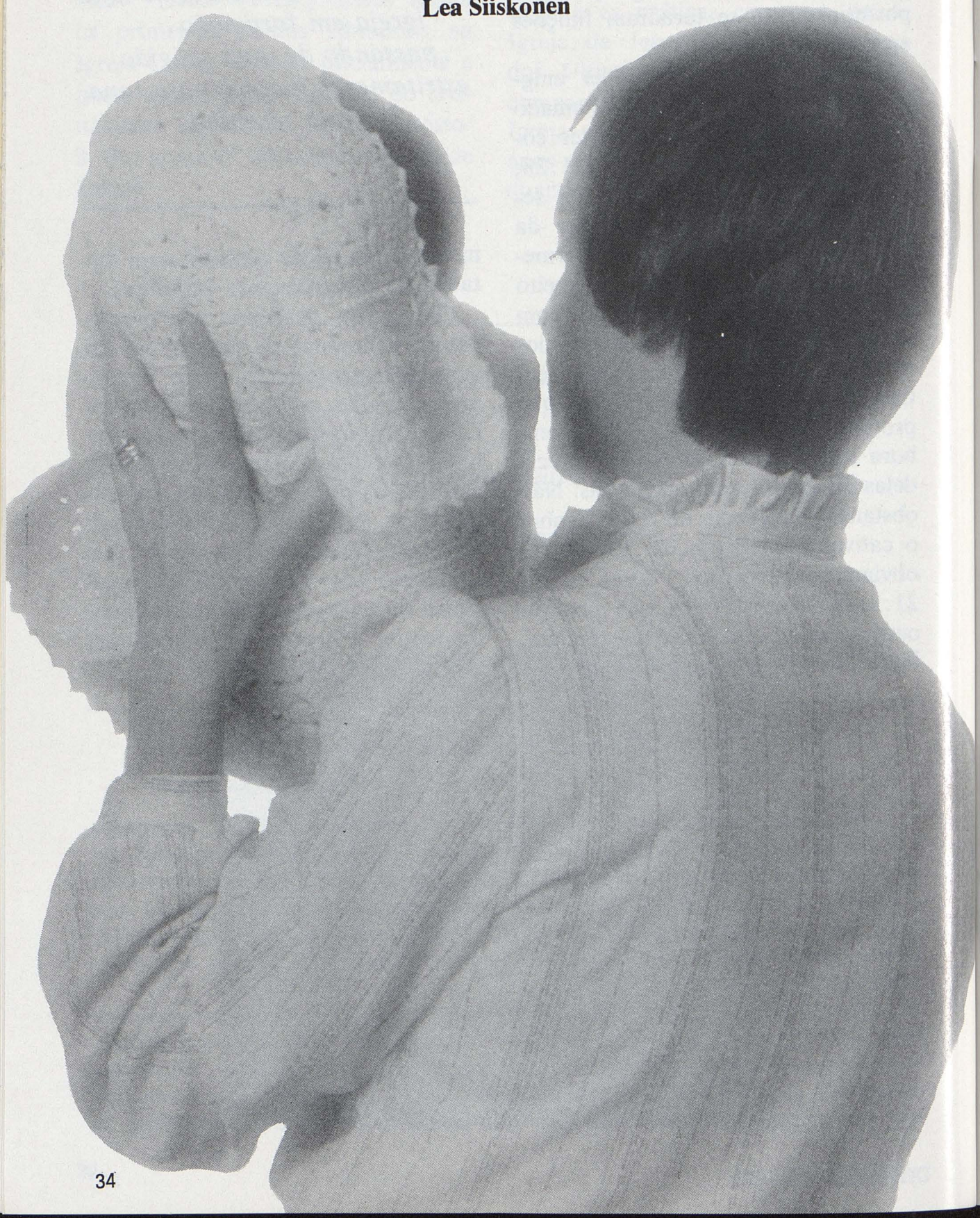
Richard L. Evans

No Natal muitas coisas se associam — crianças, inocência, expectativas, entes queridos, volta ao lar, felicidade, doces e alegres melodias, às vezes também a solidão, sérias preocupações, generosidade de alguma forma e algo novo emergindo do melhor de nós mesmos — e muito mais do que tudo isso — tudo associado com o desejo de perdoar e de esquecer juntamente com as lembranças de todos os anos passados que surgem e se mesclam com o presente.

No Natal os pais deveriam proporcionar boas e felizes recordações para seus filhos — não mimá-los ou ser indulgentes demais, não dar tudo o que eles querem — mas proporcionar lembranças de amor, encorajamento, de paz, harmonia, e felicidade no lar — lembranças que abençoarão e edificarão sua vida onde quer que estejam, sempre e eternamente.

Promessa Cumprida

Lea Siiskonen



Observando as feições pálidas do garoto adormecido, as sombras lançadas por seus longos e curvos cílios e a mecha de lustrosos cabelos pretos contra a brancura da fronha hospitalar, senti-me emocionalmente exausta e vazia. As três semanas de agoniada vigília ao lado daquela cama terminaram em triunfo. A tensão se fora; abrandara-se o implacável aguilhão do medo. Eu nem conseguia sentir gratidão, pelo menos não agora. Esquecera-me totalmente de mim mesma, na luta pela vida de meu filhinho de cinco anos, procurando instilar-lhe um pouco de minha força através de olhares, carícias e sussurros para que voltasse a viver.

Toquei de leve sua face; era preciso partir. Já eram dez horas quando fechei mansamente a porta atrás de mim. No vestiário, tirei o avental hospitalar e lavei as mãos. Elas estavam ressequidas e ásperas de tanto desinfetante. Ao partir, dei mais uma olhadela na criança adormecida, pela janela de observação. Como era lindo! Fora hospitalizado para uma possível remoção do apêndice, mas os exames mostraram que sofria de grave inflamação do estômago além de pneumonia, uma combinação potencialmente fatal, disseram os médicos.

Mas agora acontecera o milagre operado pela compaixão de um Pai Celeste de amor, uma bênção do sacerdócio ministrada por seu pai terreno, as orações de muita gente, membros e não-membros, e hábeis cuidados médicos.

Lá fora estava frio e escuro. O vento impetuoso revirava os finos flocos de neve, sem saber se os amontoava ou formava um macio lençol. O outono se transformara em inverno sem eu perceber. O ônibus que me levaria para casa parou hesitante. Ele estaria em casa para o Natal, pensei ao subir no ônibus. Nosso filho voltaria para casa para o Natal, exatamente como já acontecera uma vez. Fora mesmo há cinco anos?

Lembro-me ainda daquela primavera surpreendente. Não sei como me veio a idéia de que seríamos abençoados com o filho, um menino conforme contei confiante ao meu marido. A razão, entretanto, confirmada pelo diagnóstico de muitos médicos e dez anos de casada sem filhos, dizia-me que era impossível.

Nós chegamos a pensar em adotar uma criança. Entretanto, sabíamos que era um processo complicado e moroso. Casais interessados têm de esperar anos a fio, muitas vezes em vão. Tínhamos ouvido dizer ainda que muitas autoridades, na Finlândia, se opunham à adoção de crianças por mórmons. (Mais tarde descobrimos ser justamente o contrário.)

O tempo foi passando e, a despeito de todas as evidências contrárias, a débil esperança de um acréscimo à família transformou-se gradualmente em absoluta certeza. Eu pensava continuamente no bebê e quase consegui fazer meu marido acreditar também. Freqüentemente conversávamos sobre o "nosso" garotinho que se tornou tão real para mim, que cheguei a vê-lo em sonho. Numa outra noite, sonhei que fugia carregando meu filho nos braços. Ao fugir, passando por quintais e transpondo cercas, olhando constantemente sobre o ombro, vi uma cigana em trajes típicos me seguindo. De repente, cheguei a um rio que eu sabia que tinha de atravessar. Pulei na

água que me chegou à cintura e depois se foi aprofundando, até cobrir-me a cabeça. Continuei andando, segurando a criança acima da cabeça, fora da água, e repetindo para mim mesma: "Tenho que salvar esta criança. Tenho que salvar esta criança." Afinal, trêmula e exausta, alcancei a margem oposta, sabendo que estava salva.

Naquele verão, viajei para a Suíça com meu marido. Depois de batizados fazia alguns anos, íamos selar nosso casamento no templo. Lá conversamos com um dos oficiantes a respeito de nosso anseio. Ele nos aconselhou a jejuar e orar em busca de orientação do Senhor. Nós costumávamos orar bastante, embora nunca nos houvesse ocorrido orar sobre o assunto que tanto nos preocupava.

Pensei no conselho que nos deram muitas vezes, durante o resto do verão. Não sei o que me impedia de segui-lo. Talvez tivesse medo de que o Senhor não me respondesse ou que a resposta não fosse a esperada. Finalmente decidi que era o que eu devia fazer.

Comecei a jejuar na tarde de segunda-feira, 11 de dezembro. No dia seguinte, fui trabalhar como de costume, embora, para mim, nada houvesse de normal; foi extraordinário. Sentia-me tomada de intenso júbilo, como se estivesse flutuando em vez de andar. Jamais tornei a ver as cores tão vibrantes como naquele dia. Sentia amor por todo mundo e tinha vontade de abraçar quem encontrasse. Acho que, naquele dia, realmente captei o sentido da escritura: "Que o teu jejum seja perfeito ou, em outras palavras, o teu gozo seja completo." (D&C 59:13.)

Continuava não sabendo o que o Senhor queria de mim, mas meu coração jubiloso lhe dizia: "Estou pronta para fazer o que quer que desejes."

Aquele dia maravilhoso terminou, e quando cheguei em casa, estava na hora de encerrar o jejum. Ao me sentar para jantar com meu marido, o telefone tocou. Fui atender e ouvi uma voz feminina apresentando-se como uma irmã da Igreja de uma cidade vizinha. Eu a conhecia de nome e me lembrava de que tinha algo a ver com serviços de assistência social. Disse que me telefonava por um motivo especial e sugeriu que eu me sentasse para ouvi-la. Como não havia uma cadeira por perto, respondi que prosseguisse, mas depois, bem que gostaria de estar sentada. Senti as pernas amolecerem e o coração disparar, quando ela falou: — Vocês gostariam de criar um garotinho? Estamos procurando um bom lar para ele e pensamos em vocês. Tem seis meses e é filho de ciganos.

Para meu próprio assombro, ouvi-me responder calmamente:

— Isto é um assunto tão importante, que preciso discuti-lo com meu marido. Depois volto a telefonar.

Meu marido e eu conversamos por mais de uma hora e, a seguir, telefonei-lhe, dando nossa resposta afirmativa.

No dia seguinte, fomos à instituição onde o menino estava sendo cuidado. Sentados na sala de espera, aguardávamos a chegada do nosso "príncipe" que a diretora fora buscar. Sentia-me como que parada no tempo e que tudo à nossa volta se transformara em expectativa. Então, ao longe, ouvimos um leve tilintar como que de guizos de trenó. Quan-

do a porta se abriu, vi que provinha de um chocalho nas mãos do bebê.

Não pude acreditar no que via, ao olhar para o novo "homem" em minha vida. Os grandes e compenetrados olhos negros emoldurados por longos cabelos encaracolados me surpreenderam. Não são feições de um bebê, pensei. Seus olhos pareciam fitar-me com a sabedoria de mil anos: negros, sérios, inquiridores.

A diretora mo entregou; era nosso primeiro e hesitante contato. Minha cabeça girava: Nosso filho. Meu filho. A mente explorava e brincava com estas palavras tão estranhas, gratificantes.

Quando o passei ao meu marido, ele ergueu a mãozinha e tocou de leve seu queixo, encarando-o. Aconteceu um milagre — um leve sorriso esboçou-se em seus lábios e olhos, refletidos no rosto de meu marido, caindo no fundo de meu coração para ser entesourado e lembrado eternamente.

Naquele momento, alguma coisa chegava ao fim e outra começava. Estava formado o primeiro frágil vínculo. Não, não, não era o primeiro, antes a manifestação física de um relacionamento existente muito antes de nos encontrarmos naquela sala silenciosa.

Após nosso primeiro encontro, tivemos três dias para preparar nossa casa para a chegada do bebê, pois mental e emocionalmente já estávamos preparados para recebê-lo. No domingo seguinte, 17 de dezembro, nosso bebê chegou para festejar conosco o Natal.

Um solavanco do ônibus me despertou de meus devaneios. Absorvida em pensamentos, esquecera-me de onde estava. Será que meu ponto de descida já passara? Olhando pela janela, pude divisar as luzes de um prédio conhecido na escuridão da noite. O próximo ponto era o meu.

Andando para casa em meio à neve que caía, meu coração estava transbordante de calorosa gratidão. Naquele momento, tive a confirmação de que meu Pai Celeste me guiara para a satisfação de meus desejos. Eu sabia que ele continuaria sendo uma fonte de força para mim nas lutas da vida. Seus braços carinhosos guiariam a mim e minha família de volta a sua presença no lar celestial.

(O casal Siiskonen é membro da Ala Tampere, Estaca Helsinki-Finlândia. Eles cuidaram do bebê durante cerca de dois anos, até que os pais legítimos concordaram com a adoção.)

Prezado Assinante:

Mudou-se ou vai mudar-se?

Avise-nos imediatamente a fim de não ficar sem sua revista.
Recorte a etiqueta de endereçamento que acompanha *A Liahona* e envie-a ao endereço abaixo, com seu novo endereço.

Mande a informação para a Caixa Postal 26023 - CEP 01000
São Paulo - S.P.

"E TU, QUANDO TE CONVERTERES"

Janet Brigham

Ela se convertera havia três anos, uma missionária recém-chegada do campo que só era realmente feliz inspirando outros com a história de sua conversão. Ao ler sua história datilografada com esmero, redigida a pedido da esposa do presidente da missão, fiquei assombrada e também com um pouquinho de inveja. Seu testemunho se intensificara estudando o Livro de Mórmon, pregando o evangelho e buscando confirmação espiritual da verdade. Não havia visto anjos, mas presenciara pequenos milagres. O Senhor tocara sua vida; ela, por sua vez, tocou a minha com sua história. Sendo criada na Igreja, admiro o entusiasmo dos conversos.

— Experiências assim, disse-lhe, devem ser recíprocas.

— Por isso, devo dar-lhe alguma coisa de igual valor em troca, mas não sei o quê.

— Eu nunca leio poesias, — respondeu, declinando gentilmente minha oferta de deixar que lesse as minhas.

— Por que não conta por escrito *sua* conversão? — sugeriu.

— Mas eu não fui convertida.

— O quê? Você não se converteu?

À noite, sentei-me para começar, um tanto duvidosa. Reli sua história e julguei-me incapaz de engendrar algo parecido, partindo de uma vida inteira de reuniões sacramentais e aulas de Escola Dominical. Embora minha conversão não se mostrasse obviamente, havia muito material; durante anos eu mantivera um diário. Mas teria uma história de conversão? Um reexame dos diários mostrou-me que a Igreja sempre estivera presente em minha vida. Meus antepassados haviam-se batizado na Inglaterra e Nova Inglaterra, nas primeiras décadas após a Restauração. Mais tarde, cruzaram as planícies, chegando a Utah. Lembro-me de sempre ser mórmon.

Foi como decidi iniciar minha história: *Lembro-me de sempre ser mórmon*. Falei de como me criei na Igreja, de festinhas e da Primária, de cantar solos e falar da Igreja às colegas de escola. Contei como ninguém precisou dizer-me que vovó falecera, pois meu coraçãozinho de oito anos já o sabia; e como toda a parentela e no mínimo metade da cidade se reuniu para o seu funeral na capela da Ala IV, de Rexburg, Idaho.

Recordando, começou a destacar-se uma coisa — quando criança, eu aprendera o evangelho vivenciando-o. Familiares e professores ensinaram-me a buscar forças no Senhor. Eu sempre orara desde criança. Parece uma ironia, pois, na adolescência, pus-me a duvidar se minhas preces eram corretas e proveitosas. Outros falavam de respostas dramáticas a suas orações e longas horas de súplicas ao Senhor. Minhas preces, pelo contrário, eram simples, breves e, às vezes, bastante exigentes e diretas. Não obstante, revendo meu diário e rebuscando minhas memórias, vi que sempre havia orado e que minhas orações costumavam ser sinceras. Orei quando vovó morreu. Orei quando perdi o domínio de um cavalo que estava montando. Quando tive medo de que ninguém me tiraria para dançar, orei. Orei quando fiquei apavorada de ter de tocar um solo de piano em público. Ainda que nem sempre a resposta fosse imediata, todas foram respondidas.

Então percebi que buscar forças no Senhor era um hábito em minha vida e fizera parte de mim desde criancinha. Reconheci uma virtude antes questionada e, mais do que nunca, a influência do Senhor em minha vida.

Descrevendo minha intensa participação na Igreja enquanto cursava o segundo grau, lembrei-me de que muitas de minhas amigas queriam saber o que fazia minha vida diferente da delas. Por que passava tanto tempo na Igreja? Por que a juventude mórmon se entende tão bem? Do que tratava nossa aula de religião às 6h30m da manhã? Falei do evangelho a algumas amigas. Uma amiguinha e sua família foram batizadas poucas semanas depois de eu perguntar timidamente: "O que vocês sabem da Igreja Mórmon?", quando estávamos certa noite todos sentados em volta da mesa da cozinha, após uma excursão com a banda da escola. Outra amiga adquiriu um testemunho do Livro de Mórmon, mas aos quinze anos não teve fé suficiente para batizar-se. Outras foram a reuniões da Organização das Moças e bailes da Igreja comigo. Um rapaz que conheci na conferência de jornalistas do colégio filiou-se à Igreja depois de nos corresponder-mos filosoficamente por três anos. Não fora eu quem o convertera; apenas o apresentara à verdade e ele a reconheceu.

Antes de reler estes incidentes no meu diário e reformulá-los para a história de minha conversão, eu duvidava de conseguir ser um membro-missionário. "Cada membro um missionário" fizera-me julgar culpada durante anos. Agora percebi que *era* uma missionária, à minha maneira, com meus amigos. Agora esse conhecimento me dá confiança de continuar compartilhando o evangelho, alegre e abertamente.

Depois falei das ocasiões em que recorri ao Senhor por intermédio de seus servos. Falei de minha grande estima por um bispo em particular, da bênção de conhecer homens dig-

nos que se consideram "servo de todos". (D&C 50:26.) Esquecera-me desses homens e do impacto de sua liderança; esquecera-me de que foram eles que me motivaram a estudar as escrituras até que as palavras do Senhor se tornaram um modelo para meus pensamentos.

Descrevi como, certa manhã, acordei sentindo necessidade de saber se minha vida tinha propósito. Na época, cursava a Universidade Brigham Young, em Provo. Orei, pedindo que o membro do Quorum dos Doze que iria falar na reunião devocional daquele dia, me desse alguma diretriz e motivação. Minha prece foi inquestionavelmente respondida horas depois. Também desse incidente eu me esquecera por algum tempo.

Todos esses acontecimentos mostram-me que o Senhor participa de minha vida. Curiosamente, porém, eu subestimara minha capacidade de bem viver minha religião. Pôr a história de minha conversão por escrito — oito páginas datilografadas — fez que me apreciasse mais. Relendo meu diário e escrevendo minha história, passei a entender-me melhor, ver mais claramente meu progresso, perceber que, mesmo quando não conseguia entender ou aceitar todos os princípios do evangelho, eu aceitava o Senhor. Escrevi: *Por ter aprendido a orar quando criança, ensinada por vovó, mamãe e incontáveis professores na Igreja, eu tinha fé na oração que me sustenve durante períodos de dúvida. Eram as preces feitas quando criança, que me ocorriam em minha maior necessidade.*

Desde que escrevi a minha própria história religiosa, colhi um benefício ainda maior. "E tu, quando te converteres, confirma teus irmãos", dizia Lucas. (Lucas 22:32.) Dei uma cópia de minha história à amiga que me mostrara a sua. ("Está muito boa", comentou. "Você não sabia que conseguiria escrevê-la, não é?") Desde aí, entreguei-a judiciosamente a mais algumas amigas, quando compartilhávamos experiências e incentivo. Eu a compartilho com amigos não-membros que querem saber mais a respeito do evangelho. Jamais a daria a qualquer pessoa — ela contém muita coisa por demais particular. As amigas a quem a dou sentem-se fortalecidas, e isto me fortalece. E agora, com a história de minha conversão escrita, assinada e datada, sinto-me mais forte: Eu estou convertida.

A dor física desempenha importante papel no corpo humano. Ela previne o sistema nervoso central, quando os tecidos estão em perigo. Da mesma forma, o sentimento de culpa avisa a consciência, quando algo ameaça a integridade da alma. Ela é o sistema de alarme da alma. A consciência aprende a tolerar a presença constante do pecado, assim como o corpo aprende a suportar a dor física. Se isso acontece, o sistema de alarme é desligado, e a pessoa não mais sente dor, embora o perigo continue a existir. Muitas vezes, para poder alcançar algo considerado de grande valor, o indivíduo entorpece voluntariamente a sensibilidade à dor, como por exemplo um atleta, que toma um forte analgésico para que possa jogar, embora esteja com a perna ferida; assim o pecador procura ignorar a voz da consciência, para que possa continuar em seus caminhos perversos, apesar dos danos causados à alma. (Seminário, Livro de Mórmon, Manual do Aluno — PJSI067APO)

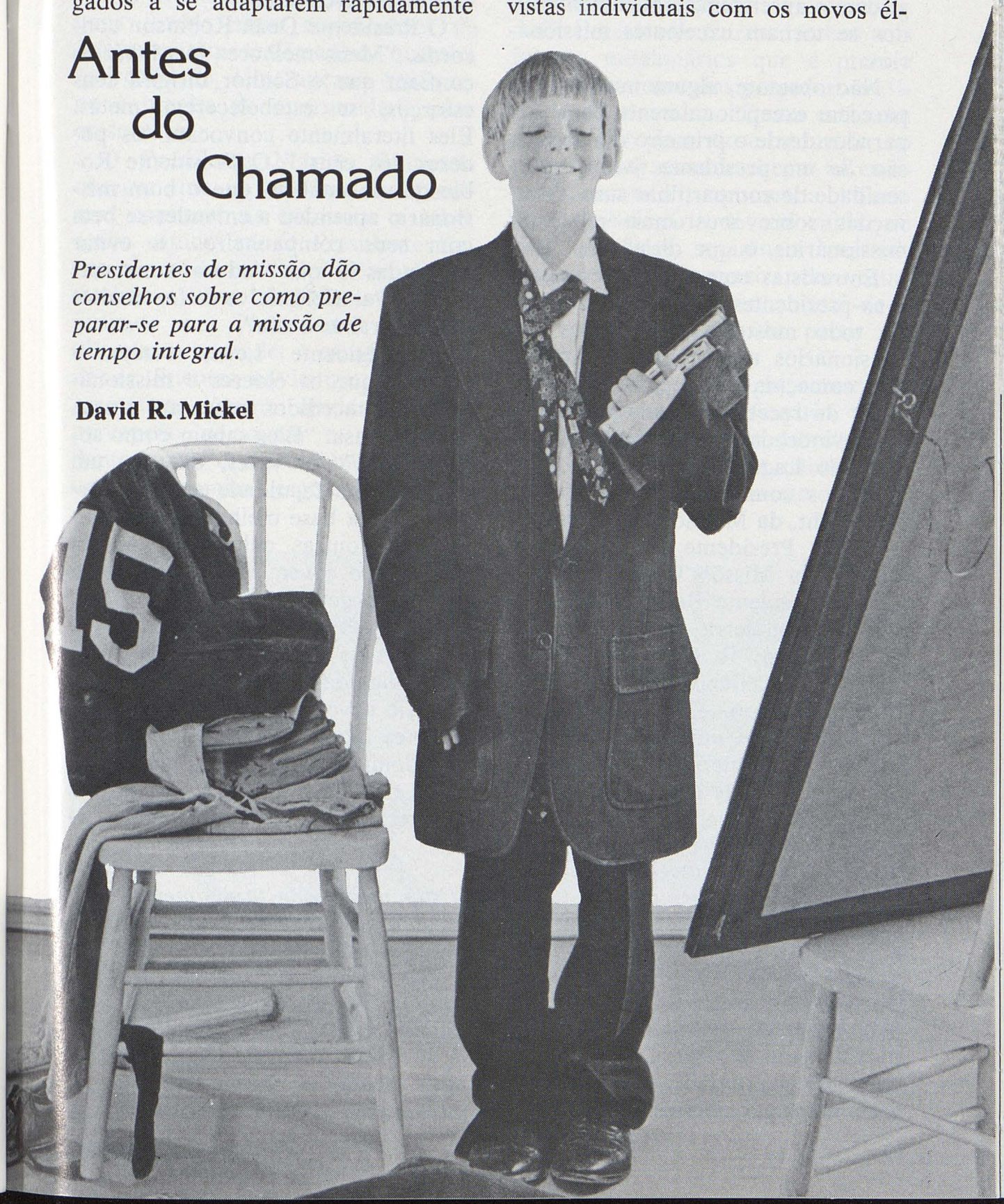
Antes do Chamado

Presidentes de missão dão conselhos sobre como preparar-se para a missão de tempo integral.

David R. Mickel

Quando chegam novos élderes e missionárias, uma aura de alegria permeia a casa da missão. Os novatos estão ansiosos por começar, e o pessoal da missão ajuda com entusiasmo os recém-chegados a se adaptarem rapidamente ao ambiente da missão de tempo integral. O presidente da missão preocupa-se em assegurar que todo missionário tenha uma experiência plena e gratificante servindo ao Senhor.

O presidente da missão faz entrevistas individuais com os novos él-



deres e missionárias, percebendo de imediato que alguns são entusiastas, outros preocupados, tímidos ou orgulhosos, todos, porém, querendo saber como desincumbir-se com êxito do seu chamado. À medida que progridem e aprendem, praticamente todos se tornam excelentes missionários.

Não obstante, alguns missionários parecem excepcionalmente bem preparados desde o primeiro dia de missão. Se um presidente tivesse oportunidade de compartilhar suas observações sobre seus mais eficientes missionários, o que diria?

Entrevistas com cinco presidentes e ex-presidentes de missão no mundo todo mostram que muitos dos missionários mais felizes e produtivos começam a preparar-se muito antes de receber o conhecido envelope, vindo da sede da Igreja na Cidade do Lago Salgado, Utah. Conversamos com o Presidente Roland R. Wright, da Missão Cidade de Nova York, Presidente Marion C. Robinson, da Missão Uruguai Montevidéu, Presidente Ben E. Lewis, da Missão Inglaterra Londres, Presidente Lindsay R. Curtis, da Missão Califórnia Oakland e Presidente R. Dean Robinson, da Missão França Paris. Eis aqui um resumo de suas sugestões aos que pretendem embarcar no serviço de Deus.

Os jovens que planejam cumprir missão de tempo integral devem procurar desenvolver certas características pessoais e específicas?

"Devem ter o desejo de servir o próximo", diz o Presidente Lewis. "Deveriam desenvolver uma atitude de otimismo e alegria, e serem capazes de ver o lado bom das pessoas, em lugar de suas falhas e fraquezas. Precisam ser obedientes aos mandamentos do Senhor, sem procurar burlar as regras. Necessitam de um testemunho firme do Salvador e deveriam dedicar algum tempo, preparando-se para saber o que existe nas escrituras."

O Presidente Dean Robinson concorda. "Meus melhores missionários confiam que o Senhor dirigirá seus esforços, se estabelecerem metas. Eles literalmente convocam 'os poderes dos céus'." O Presidente Robinson diz também que o bom missionário aprendeu a entender-se bem com seus companheiros, a evitar contendas e que "adora conversar com o Pai Celestial e o faz muitas vezes durante o dia".

O Presidente Lewis comentou também que os élderes e missionárias bem sucedidos venceram a saudade de casa. "Eles sabem como sobrepujá-la." Às vezes, diz ele, um tempinho na faculdade ajuda a fornecer "uma base melhor" para compreender outras culturas e povos. Todavia, o jovem qualificado para servir não deve escolher a faculdade em lugar da missão.

Todos os presidentes concordam que a dignidade é essencial. "O missionário deve estar vivendo retamente antes de chegar aqui; precisa saber dominar-se. Seus hábitos pessoais e maneira de falar devem ser irrepreensíveis", diz o Presidente Lewis.

O que mais pode fazer quem se prepara para o serviço missionário?

"As cinco áreas fundamentais são aprender a obedecer, sacrificar-se, trabalhar arduamente, orar e ter fé. A fé torna possível o impossível e abre mentes e portas fechadas. O missionário não é produtivo até

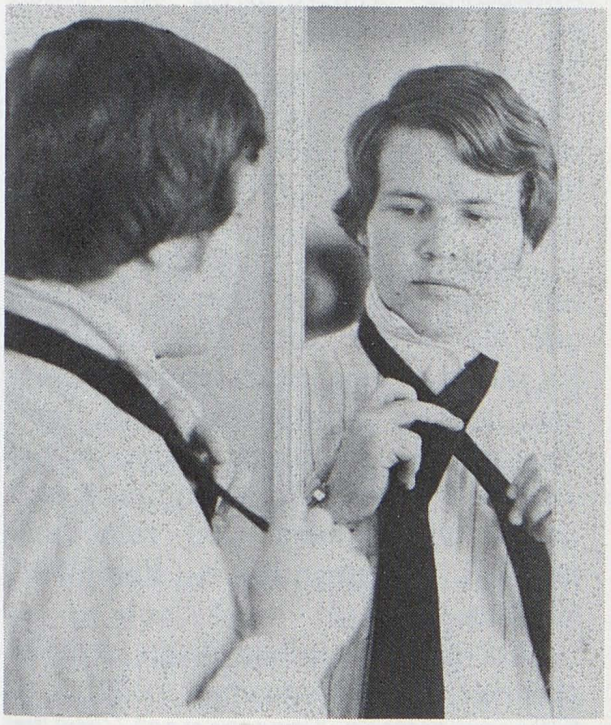
aprender a entender e andar pela fé", afirma o Presidente Dean Robinson.

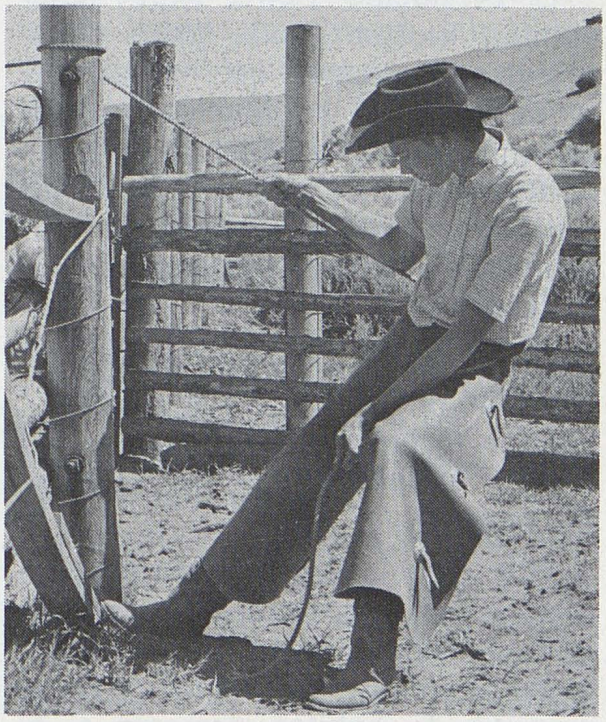
"Precisam entender que a missão implica trabalho duro!", diz o Presidente Curtis. "Deveriam procurar adquirir experiências didáticas e entender a natureza do Espírito. Alguns jovens estão convencidos de que não têm testemunho, quando, na realidade, têm; apenas é pequeno e precisa de oportunidade para crescer."

O Presidente Marion Robinson observa que os missionários precisam conhecer as escrituras e saber como estudá-las. O Presidente Lewis concorda com ele. "Eles devem ter lido o Livro de Mórmon e comprovado sua veracidade", diz ele. "Precisam aprender a estudar, a tornar-se fluentes na leitura, escrita e gramática. Devem ainda ter certa percepção de quem é o Espírito Santo, como opera e como se recebe um testemunho espiritual." Disse ainda que a melhor preparação para prestar testemunho no campo missionário é prestá-lo agora, sempre que puderem. Recomenda também aos futuros missionários que "aprendam agora a assumir compromissos e a cumpri-los".

O Presidente Curtis lembra aos futuros missionários que é preciso não se esquecer dos preparativos físicos e emocionais. "Quem está com excesso de peso deve reduzi-lo ao peso normal antes de chegar ao campo missionário", recomenda. "Todo futuro missionário deveria cuidar de suas maneiras, aparência pessoal, apresentação e maneira de vestir. Qualquer problema emocional deve ser resolvido antes de partir de casa."

E o Presidente Wright acrescenta que é vital para o missionário "compreender a importância da retidão e disciplina pessoal, e a necessidade de ser totalmente honesto consigo





mesmo e com os outros, particularmente com o bispo e o presidente da estaca".

"Nos raros casos em que o missionário não pôs as coisas totalmente a limpo com seu bispo, ele carrega consigo para a missão um fardo de pecados", adverte o Presidente Curtis. Esse fardo impossibilita-o de seguir o Espírito, prestar testemunho e sentir-se em paz consigo mesmo, e assim o trabalho parece duro e pesado.

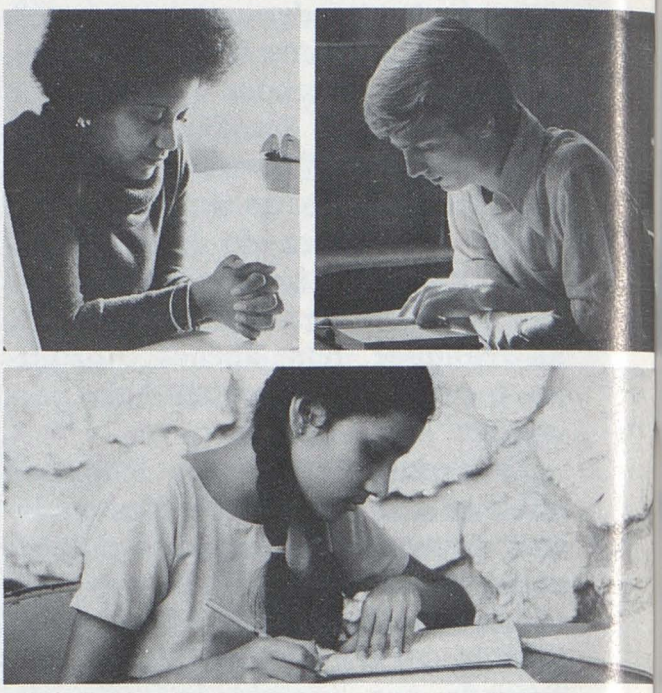
E quanto às finanças?

"Sugiro que, antes de o missionário sair de casa, os pais planejem com ele um orçamento e compreendam claramente como será tratada a questão financeira", diz o Presidente Curtis. Eles podem obter informações a respeito de quanto dinheiro será necessário mensalmente e a melhor maneira de enviá-lo ao missionário, na carta recebida por este do Departamento Missionário.

O Presidente Lewis expõe uma opinião compartilhada pelos cinco presidentes, quando diz: "Comecem a trabalhar e economizar agora; abram uma conta bancária para esse fim, a fim de poderem financiar o máximo possível sua própria missão. Isto a torna muito mais significativa."

Como o jovem e os pais podem preparar-se juntos para a missão? Qual o melhor meio de pais e amigos incentivarem o missionário no campo?

"Os pais deveriam empenhar-se mais em criar um senso de confiança nos filhos, começando quando bem pequenos, aconselhando-os a respeito de hábitos pessoais e as grandes bênçãos proporcionadas por uma vida reta", comenta o Presidente Wright. "Vejo que muitos jovens jamais foram aconselhados pelos pais, porque estes esperam que os líderes do sacerdócio o façam em seu lugar."



"Acho que todos os pais devem dar-se conta do que é preciso para ser um bom missionário e ensinar os filhos de acordo", diz o Presidente Dean Robinson. "Os pais precisam continuar empenhados em ensinar e incentivar o filho missionário a ser obediente."

"Sugiram que o missionário apóie seu companheiro e líderes. Sugiram que ele se aproxime dos membros. Se escrever que está tendo problemas com o companheiro, em lugar de tomar suas dores, recomendem uma auto-avaliação e sugiram maneiras de melhorar seu relacionamento", recomenda o Presidente Curtis.

"Os pais deveriam fazer todo o possível de 'acompanhar' o filho ou filha na missão (por cartas), em lugar de 'trazê-los para casa', quando não é isso o que realmente desejam",

sugere o Presidente Lewis. "Acostumem-se a usar o título de 'élder' e 'sister', a fim de lembrar-lhes seu chamado. Eu não escreveria mais de uma vez por semana, mas fá-lo-ia regularmente." "Tenham amor e harmonia no lar, e transmitam-nos ao missionário", diz o Presidente Marion Robinson. "Penso que o missionário precisa saber, até certo ponto, o que se passa em casa, mas os pais não deveriam contar-lhe suas dificuldades detalhadamente. Nada mais ajuda tanto como o apoio da família."

"Falem mais do que está acontecendo com o missionário, seus programas, pesquisadores e campo de trabalho do que de casa", aconselha o Presidente Curtis. "Não aproveita nada falar de pescarias, caçadas e outras coisas que a família planeja e que o deixarão mais saudoso. Contem o que acontece na Igreja, mensagens que ouviram em alguma reunião, sugestões sobre melhores métodos de proselitismo. Aconselho aos pais que não telefonem (exceto em graves emergências e com aprovação do presidente da missão) nem visitem seu filho ou filha missionários no campo. De um modo geral, também é preferível aguardar o missionário em casa, quando termina a missão, do que viajarem juntos."

Depois de toda a preparação, como o missionário consegue conservar uma atitude positiva, após chegar ao campo missionário?

"Obedecer às pequenas regras", diz o Presidente Dean Robinson. "Não ser preguiçoso e evitar a tentação de ficar pensando em si próprio."

"Se um missionário está saudoso de casa ou de sua bem-amada, é mais fácil ele desanimar", diz o Presidente Lewis. "Criticar e achar faltas também leva ao desânimo. O missionário deve estar disposto a sacrificar-se."

"Certo élder tinha por meta conduzir-se todos os dias de modo que não precisasse lamentar seus atos no fim deles", conta o Presidente Wright. "Era uma norma simples que conseguia seguir e ele acabou se tornando um missionário realmente extraordinário."

O que recomendariam à namorada ou namorado que fica em casa?

"Isto pode ser um aspecto positivo ou negativo. A moça que apóia o namorado, mas insiste em que mantenha seus pensamentos no seu trabalho, pode exerecer uma influência positiva. As que costumam escrever com excessiva freqüência ou emotividade, distraem o missionário do seu trabalho. Também não ajuda em nada a namorada ficar dizendo quanta falta sente dele. Seria bem melhor falar-lhe do seu orgulho de vê-lo fazendo missão, e interessar-se por seus pesquisadores, batismos, companheiros e programas", diz o Presidente Curtis.

O Presidente Marion Robinson acha que, às vezes, o missionário precisa "passar pela prova de dedicar-se ao trabalho e concentrar-se nele", e que isto se torna difícil, quando se preocupa constantemente com alguém em casa.

O Presidente Wright informa que recomenda aos que chegam a sua missão a leitura do discurso do Presidente Kimball: "Tranque seu Coração." "Até que o missionário aprenda a trazer seu coração para o campo missionário, e isto entendo que sejam suas afeições, percebo

que geralmente ele limita sua capacidade de progresso espiritual. É muito difícil estar superapegado a alguém em casa e ao mesmo tempo ater seus pensamentos ao campo missionário", comenta o Presidente Wright.

Haja ou não alguém esperando por eles em casa, os presidentes concordam em que os missionários trabalham melhor quando aprenderam a disciplinar-se. Então escrevem aos familiares semanalmente e aos amigos de tempos em tempos; percebem que, depois da missão, haverá tempo de sobra para namorar; e resistem à tentação de sonhar de olhos abertos e de gastar dinheiro com "lembrancinhas" de onde estão para o pessoal de casa.

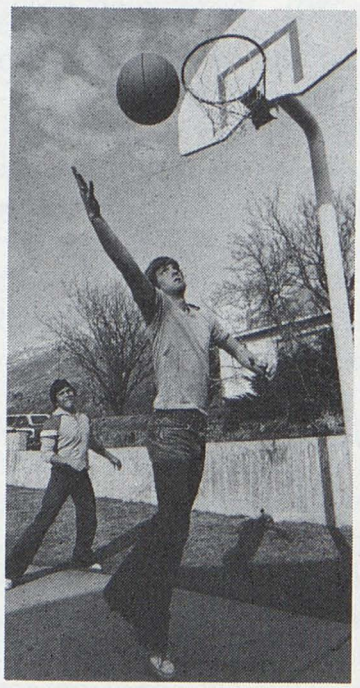
O que aconselhariam às moças que imaginam se devem um dia cumprir missão?

"Aprender a disciplinar-se e obter um testemunho espiritual da veracidade do evangelho. Ao aprenderem a compreender o evangelho e a poderosa influência que o Espírito Santo poderá exercer em sua vida, terão um apoio ao qual podem recorrer e serão capazes de receber orientação e certeza se devem ou não dedicar algum tempo a uma missão de tempo integral", aconselha o Presidente Wright.

"Como o profeta nos lembra de que cada membro é um missionário, meu conselho é que ela se prepare para a missão", diz o Presidente Lewis. "Mas, se a oportunidade não aparecer ou ela tiver oportunidade de casar, de casar-se no templo, deverá considerar isso como sua missão importante, e que a missão de proselitismo poderá acontecer mais tarde, e que o casal, quem sabe, poderá servir junto.

"Eu lembraria à moça que, ao preparar-se para a missão, ela se está preparando para o casamento, e que tudo o que aprende na obra missionária é igualmente proveitoso no casamento. Eu a aconselharia a cultivar seu lado espiritual e guardar os mandamentos do Senhor, para que seja digna de casar-se no templo ou cumprir missão. Ela deve conservar-se moralmente limpa e evitar envolver-se com qualquer coisa que possa roubar-lhe a virtude.

"Lembrar-lhe-ia ainda (ou a qualquer pessoa que pense sair em missão) que não se deve pensar na missão para fugir de alguma coisa ou alguém. A missão não é fácil e, sim, muito trabalhosa. Para quem não se preparou, pode ser extremamente difícil. Ela deve estudar as escrituras, obter um testemunho pessoal do Salvador, do Profeta Joseph Smith e nosso profeta atual. Então o Senhor a ajudará a saber se deve ou não aceitar o chamado para missão."



Que outras diretrizes e sugestões a respeito da preparação para a obra missionária gostariam de dar aos jovens da Igreja?

"Eu faria tudo o que pudesse para convencê-los da necessidade de aceitar o chamado para a missão", diz o Presidente Marion Robinson. "Aconselho-os a se manterem em contato íntimo com o bispo, seguirem os conselhos do profeta, guardarem os mandamentos e pedirem orientação ao Senhor, para que, quando chegar o chamado missionário, estejam preparados espiritual, moral, mental, física e economicamente. Considero o programa missionário o melhor meio existente na terra hoje para preparar o jovem para exercer liderança em todos os setores da vida e particularmente na Igreja e no casamento. São benefícios secundários colhidos além das bênçãos que se recebe, servindo ao próximo pregando o evangelho."

"Primeiro, recomendaria com empenho que se preparem para a missão", disse o Presidente Curtis. "Segundo, lembrem-se de que a missão requer decididamente uma porção de trabalho. Embora proporcione muitas alegrias, também traz tristezas e desapontamentos, pontos altos e baixos alternadamente. O mais importante é a atitude, o desejo de ser um bom missionário e dedicação ao trabalho. Finalmente, o mais importante, devem ser ensinados a obedecer a todas as regras. Os missionários que obedecem a todas as regras, usufruem o Espírito e têm, em geral, sucesso."

Diz o Presidente Lewis: "Eu lhes diria que guardem os mandamentos, freqüentem a Igreja, participem todos os anos do seminário, orem e estudem as escrituras, particularmente o Livro de Mórmon. Conservando-se achegados à Igreja e seus ensinamentos, evitarão situações perigosas que poderão provocar seu afastamento e perda da dignidade de cumprir missão. Precisam viver dignamente, em particular com respeito à castidade, não achando que podem fazer o que bem quiserem para *depois* se arrepender."

E prossegue: "Devem manter um diário pessoal, para adquirir o hábito de fazê-lo. Poderiam fazer um curso de oratória, a fim de aprenderem a falar com desembaraço em defesa do evangelho. Se prepararem um discurso todos os dias ou semanas, por pequeno que seja, aprenderão como armar um bom discurso. Recomendaria que se correspondessem com um missionário, para terem um contato direto com alguém que esteja em missão.

"Devem aprender alguma coisa sobre nutrição, o que devem e não comer. Deveriam aprender a preparar pelo menos alguns pratos básicos, e um pouco de costura. Guardar a Palavra de Sabedoria, exercitar-se regularmente, dormir tempo suficiente e manter-se fisicamente apto. Caso se interessem por esportes, eu os incentivaria a participar deles e aprender a disciplina que ensinam."

"Falando aos adolescentes de hoje", diz o Presidente Wright, "procuraria fazê-los entender a importância de planejarem sua vida, para que mais tarde não se arrependam de suas escolhas. O serviço missionário de tempo integral é decididamente algo que deveriam incluir em seus planos."

"Gostaria de que a juventude da Igreja soubesse quão abençoada é por pertencer a ela, e por terem todas as bênçãos do evangelho", diz o Presidente Dean Robinson. "Fo-

ram escolhidos para ajudar a edificar o reino do Senhor na terra entre todos os povos. Têm a grande responsabilidade de serem fiéis a esta grande confiança que o Senhor deposita neles. O Senhor precisa de nós e espera que coloquemos nossa vida em ordem, para que nos possa guiar. Ele confia que esta geração real se levante e se revista de toda a armadura de Deus. É preciso que aceitem pessoalmente esta responsabilidade e se preparem para enfrentá-la."

Seminário de Presidentes de Templo

Em histórico seminário assistido por 27 presidentes e superintendentes de templo, a maior reunião no gênero, os líderes da Igreja salientaram que o templo sempre deve ser um oásis de espiritualidade e paz.

O seminário foi realizado em setembro, na Cidade do Lago Salgado, para dar uma compreensão uniforme do funcionamento do templo. Entre as Autoridades Gerais participantes estavam dois membros da Primeira Presidência, Presidentes N. Eldon Tanner e Gordon B. Hinckley; todo o Quorum dos Doze, menos Élder LeGrand Richards (por estar doente), muitos membros do Primeiro Quorum dos Setenta e o Bispado Presidente.

Foram três dias de instrução específica e o seminário foi encerrado com uma reunião de testemunho no Templo de Rio Jordão.

Estatísticas mostradas pelo Élder W. Grant Bangerter, diretor executivo do Departamento de Templos, indicam neste ano um crescimento de 10% sob todos os aspectos na obra do templo, comparado com o ano anterior.

Quase todos os oradores focalizaram a natureza urgente e espiritual das ordenanças do templo.

"Esta é a obra de amor ao próximo mais altruísta neste mundo. Está mais próxima da grande obra de redenção da humanidade que qualquer outra que conheço. Aprecio sobremaneira a dedicação dos santos dos últimos dias", disse o Presidente Hinckley.

O Presidente Ezra Taft Benson disse: "A melhor maneira de motivar os membros é ajudá-los a ter um testemunho do valor da obra em favor dos mortos. Membros que vêm ao templo pela primeira vez devem estar bem firmes na fé para que dêem o devido valor às ordenanças ali realizadas."

Ele alertou os presidentes quanto à necessidade de serem extremamente vigilantes na proteção do templo contra qualquer ato que possa profaná-lo. "Podemos esperar que o adversário da verdade fará tudo o que puder para nos criar obstáculos, aviltar o templo, depreciar e embaraçar as pessoas envolvidas na obra."

"Não há bênção maior do que ver os filhos crescerem, casarem no templo, terem filhos nascidos sob o convênio. Na grande obra do templo, o véu pode tornar-se muito fino. Visitantes visíveis e invisíveis do mundo além estão muitas vezes perto de nós... não há véu para o Senhor", disse ele.

Élder Hunter resumiu a história dos templos na época da Bíblia e do Livro de Mórmon e dos primórdios da Igreja Restaurada. "Os templos sempre foram conhecidos como estruturas sagradas para santos propósitos. A urgência de tornar os templos disponíveis aos filhos de Deus é tão evidente, sob um profeta moderno quanto o foi através das eras."

Élder Ashton lembrou aos presidentes que os templos devem ser mantidos como casas de conforto, cortesia, reverência, contemplação e oração.

Élder Perry comparou a relação entre o templo e a linha de autoridade do sacerdócio: "Procuremos alcançar perfeita unidade e harmonia para obter o melhor resultado dos esforços desta grande obra de proporcionar salvação aos que se foram e de dar oportunidade aos vivos de apreciar estas grandes ordenanças."

Élder Bangerter ressaltou que a obra do templo não é optativa.

"Não se deve pensar que os templos pertencem a alguma entidade abstrata, onde os membros são coagidos a realizar algum dever para a Igreja. A verdade é que a Igreja dá assistência aos membros em seus esforços para obter bênçãos para si mesmos e seus parentes falecidos."

(Church News, 2 de outubro de 1982.)

O CASO BOB GUNTHER

Paul D. Cantion

Embora nos últimos três anos o nome "Bob Gunther" constasse das folhas de chamada do seminário, ninguém o vira numa única reunião da Igreja.

Quem seria esse Bob Gunther? Os alunos do seminário das alas de San Lorenzo, na Califórnia, bem que poderiam informá-lo. No início de cada ano do seminário, eles vinham assinando, por brincadeira, o nome dele na lista de chamada. E essa brincadeira levou ao chamado "Caso Bob Gunther".

Certa manhã de segunda-feira, Neal Jarecki, de dezesseis anos, ia cedo para a escola, pretendendo encontrar-se com Kim Spier, uma garota mórmon. Para Neal, aquele era um dia normal como outro qualquer; mal desconfiava que iria mudar totalmente o curso de sua vida.

Chegando à escola, Neal encontrou Kim com outras garotas mórmons estudando na biblioteca. Quando lhes perguntou por que sempre chegavam tão cedo na escola, elas lhe falaram do seminário. De repente, uma das garotas sugeriu:

— Que tal, se o Neal fosse Bob Gunther?

— O quê? — rebateu o garoto, atônito, sem saber o que se passava.

Então as garotas lhe con-

taram a história de Bob Gunther, o aluno fantasma do seminário e pediram-lhe que assumisse o papel dele. Depois de informar-se superficialmente sobre o que teria de fazer, Neal concordou em participar da brincadeira. No decorrer do dia, entretanto, Neal começou a ter dúvidas se não se metera em alguma encrenca.

À tarde, recebeu um telefonema de Kim e Marlene, alunas do seminário, perguntando se poderiam levar-lhe alguns livros da Igreja. Como concordou, à tardezinha as duas apareceram na casa dele com meia dúzia de folhetos, um Livro de Mórmon, Doutrina & Convênios, Pérola de Grande Valor, Princípios do Evangelho e uma obra sobre a história da Igreja. Neal deixou cair o queixo, pensando nas tarefas escolares para o dia seguinte.

Naquela noite, fez suas tarefas o mais depressa que pôde. Ocorreu-lhe que, aparecendo assim de repente no seminário, seria melhor ter alguma identificação, caso o professor desconfiasse. Correu até a biblioteca pública onde adquiriu um cartão com o nome de Robert Neal Gunther. O resto da noite ficou estudando os livros mórmons. Na verdade, não absorveu grande coisa, pois eram fatos em excesso para tão curto espaço de tempo.

Na terça de manhã, bem cedinho, Kim veio apanhar Neal para o seminário. Como muitos seminaristas conheciam Neal, ela contou ao maior número possível antes da chegada do professor, que ele estava fazendo as vezes de Bob Gunther. Finalmente, Neal foi apresentado ao irmão Mike Danielson, professor do seminário. Este, porém, não caiu na cilada e até mesmo deu uma boa gargalhada, quando viu o cartão da biblioteca.

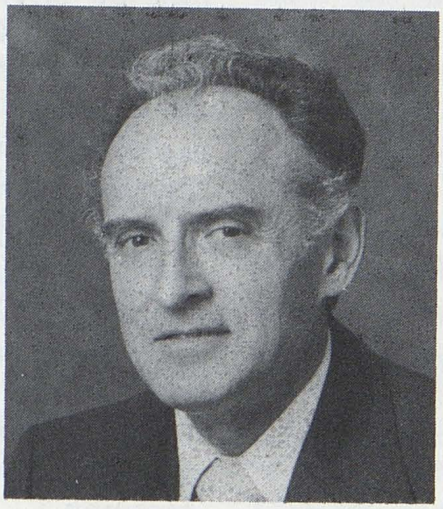
Agora que o clímax da brincadeira se fora, só restava a Neal agüentar até o fim da aula. Mas o tema do dia, tirado do livro de Daniel, no Velho Testamento, despertou seu interesse. A aula terminou com Sadraque, Mesaque e Abednego sendo lançados na fornalha ardente por ordem do Rei Nabucodonosor. O irmão Danielson disse que, na aula do dia seguinte, ficariam sabendo o que aconteceu aos três. Neal resolveu aparecer também, a fim de descobrir seu destino.

Na manhã de quarta-feira, Neal apareceu pontualmente no seminário conforme prometera, assim como nos dias subseqüentes. Algum tempo depois, lhe perguntaram se concordava em receber a visita dos missionários, e assim, numa sexta-feira, estes lhe apresentaram a primeira palestra. Passadas umas duas semanas, Neal foi batizado e confirmado membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Hoje, Neal é um sacerdote forte e ativo da Ala II, de San Lorenzo, Califórnia. O que começou como simples brincadeira de um grupo de alunas do seminário, terminou com o ingresso de mais um jovem na verdadeira igreja do Salvador. O imaginário "Bob Gunther" transformara-se num excelente missionário.

Não se compram as coisas eternas a crédito.
Todas as coisas de valor devem ser pagas com antecedência.

Boyd K. Packer



Ele Está Perto, Pronto para Ajudar

Élder Ted E. Brewerton

Ninguém deve sequer imaginar que esteja sozinho. Temos provas demais em contrário. Como filhos e filhas literais de um Deus vivente, temos todo direito de saber que nosso Pai nos ama e está sempre pronto e disposto a nos ajudar. É preciso lembrar, contudo, que, possuindo uma visão mais ampla que a nossa e conhecendo melhor nossas reais necessidades, ele nos ajuda segundo sua própria sabedoria.

Numa revelação moderna ao Profeta Joseph Smith, o Senhor fez-nos este confortante convite: "Que me procureis enquanto estou perto; Achegai-vos a mim e eu me achegarei a vós; procurai-me diligentemente e me achareis; pedi, e recebereis; batei, e abrir-se-vos-á." (D&C 88:62:63.)

Quando eu presidia uma missão na América Central, um élder teve uma bela experiência ilustrando a proximidade do Senhor e sua disposição de ajudar no momento de necessidade. Esse élder era um pouco mais velho que a maioria dos missionários. Depois de converter-se à Igreja e terminar o serviço militar, preparara-se para a missão. Recebeu o chamado, foi para o CTA da Cidade do Lago Salgado e lá disse a si mesmo: "Bem, eu tinha um testemunho, mas onde está? Se vou gastar meu dinheiro numa missão, preciso saber se Joseph Smith foi, de fato, um autêntico profeta de Deus."

À noite, ajoelhou-se em seu quarto e elevou seus pensamentos ao Pai, indagando a respeito de Joseph Smith. Não recebeu nenhuma resposta e, no dia seguinte, foi desapontado para suas reuniões. Era o dia em que uma autoridade geral deveria dirigir-lhes a palavra. Sem grande interesse, acomodou-se no fundo do salão, atrás dos outros trezentos e cinco missionários presentes. Quando o Presidente N. Eldon

O Presidente Tanner pediu: "Gostaria de que todos os missionários de mais de vinte e quatro anos se pusessem de pé." Quantos missionários assim vocês acham que estariam presentes?

Tanner entrou, o élder pensou consigo: "Bem, ele se parece com qualquer executivo bem vestido, não necessariamente com um profeta."

Quando o Presidente Tanner começou a falar, o élder, ainda um tanto desapontado, não tinha vontade de prestar atenção. No decorrer da palestra, porém, pôs-se a escutar mais atentamente. Subitamente o Presidente Tanner pediu: "Gostaria de que todos os missionários de mais de vinte e quatro anos se pusessem de pé." Quantos missionários assim vocês acham que estariam presentes? Apenas um, o referido élder. Então foi convidado a dirigir-se à frente, o que fez com certa relutância.

Ao aproximar-se do Presidente Tanner, ele recebeu o testemunho solicitado na noite anterior a respeito do chamado divino do Profeta de Deus. O Presidente Tanner pediu-lhe que prestasse testemunho do chamado divino do Profeta Joseph Smith. Ele o fez, declarando que sabia que Joseph Smith fora divinamente chamado e que, na verdade, era um profeta.

Deus vive e nos ama, está constantemente perto e ao nosso dispor. Não precisa haver dúvida em nossa vida. A realidade da influência de Deus é sentida por todos os membros da Igreja que cumprem as leis divinas. Pode ser igualmente sentida por não-membros, quando é da sua vontade. Isto ficou provado na experiência a seguir, ocorrida no Templo de São Paulo.

Este templo ficou aberto à visitação pública durante o mês de setembro de 1978, antes de ser fechado para os preparativos para a dedicação. Entre os muitos visitantes que sentiram a influência desse templo, podemos citar um jornalista não-mórmon.

Durante a visita, ele acabou chegando à porta da sala celestial. As pessoas que o acompanhavam viram que ele parou de repente e abaixou a cabeça. Permaneceu nesta posição por algum tempo, de olhos fechados. Em seguida, pôs-se a mover lentamente a cabeça de um lado para o outro, abrindo ao mesmo tempo os olhos, como que perguntando: "Quem é?" ou "Há alguém aqui?"

Depois de algum tempo, ergueu a cabeça e abriu os olhos. Sua expressão demonstrava claramente que percebia a presença de algo santo, e quem o olhasse, veria lágrimas descendo-lhe pelas faces. Ele sentira a maravilhosa influência do Espírito tão freqüentemente sentida nos templos. Sabia que ali havia algo de bom e sentia-se interiormente alegre. Era uma sensação real, tangível.

Bem, na vida temos de tomar muitas decisões e estabelecer metas, particularmente quando somos jovens. Aprendam a confiar no Pai Celestial. Ele nos dará tudo o de que realmente precisamos; basta ter fé e confiança nele. Ele nos dirigirá e ajudará a alcançar determinadas metas, tal como cumprir missão, uma coisa excelente, e casar no templo,

o casamento à maneira do Senhor. Estabelecidas estas metas, não devemos permitir que nada nos impeça de alcançá-las, lembrando-nos sempre da proximidade e disponibilidade de nosso amoroso Pai Celeste.

O Pai nos quer ver felizes, acima de tudo o mais. Confiando nos seus conselhos e obedecendo a sua vontade, alcançamos a suprema felicidade. Eu sei que Deus vive, que se preocupa com cada um de nós e que está continuamente ao nosso lado e disposto a nos atender.

Matéria suplementar:

"Em casa, tenho um aparelho maravilhoso chamado rádio. Quando tudo nele está funcionando bem, podemos sintonizar determinada estação e ouvir claramente a voz de um orador ou cantor do lado oposto do continente ou até do mundo, como se estivessem na mesma sala conosco. Depois de longo uso, contudo, alguns instrumentos ou componentes elétricos dentro do rádio, chamados válvulas, começam a cansar ou estragar-se... Se não tomarmos as devidas providências... bem, o rádio continua parecendo o mesmo, mas só por fora, por dentro não. Ele não funciona. Não ouvimos mais o cantor; não ouvimos mais a voz de quem fala.

"Pois bem, ... vocês e eu temos dentro de nossa alma certa coisa comparável às válvulas. Temos o que poderíamos chamar de válvula 'reunião sacramental', válvula 'Palavra de Sabedoria', válvula do 'dízimo', válvula 'oração familiar', válvula 'ler as escrituras' ... e válvula 'manter-se moralmente puro'. Se uma delas deixa de funcionar por falta de uso ou desgaste, se deixamos de guardar os mandamentos de Deus, isto prejudica nosso lado espiritual exatamente como a válvula estragada do meu rádio prejudica a boa recepção...

"... Se estamos guardando os mandamentos de Deus, receberemos do Pai Celeste, respostas para nossa diretriz e orientação." (Harold B. Lee, "Radio Tubes", *New Era,* março de 1973, pp. 10-11.)

Alguém disse certa vez que não podia imaginar o que presentear no Natal, porque todos já tinham de tudo. Logo depois ele recebeu pelo correio uma lista de sugestões para presentes que dizia: "Dê a seu inimigo perdão, a seu adversário indulgência, a seu amigo seu coração, a seu cliente serviço, a todos os homens caridade, a toda criança um bom exemplo, e a si mesmo respeito." Quase todos nós precisamos de muitos presentes, pois todos somos tão pobres daqueles grandes dons que não nos custam nada. Podemos até dar a nós mesmos aqueles grandes dons de caráter, personalidade, religião, fé, boas maneiras, e um coração feliz e grato. E há algumas coisas que podemos dar aos outros que o próprio Deus não pode. Isto é, não há uma razão especial para pedir a Deus que perdoe nossos inimigos, porque isso é algo que somente nós mesmos podemos fazer. E que pensar de uma oração na qual dizemos a Deus: "Faze que eu me torne dócil, diligente, honesto, crente, cortês e amável." Aí está uma oração que nem mesmo Ele pode responder sem nossa ajuda. (Sterling W. Sill, Christmas Sermons.)